MASARYKOVA UNIVERZITA

Filozofická fakulta

Ústav románských jazyků a literatur

EXU

na concepção religiosa iorubá e do candomblé

com ênfase na tradução tcheca de um conjunto de mitos

Magisterská diplomová práce

Vedoucí práce: Mgr. et Mgr. Vlastimil Váně

Vypracovala: Bc. Zuzana Kačerovská

Brno 2008

Prohlašuji, že jsem diplomovou práci zpracovala samostatně a veškeré prameny, ze kterých jsem čerpala, jsem uvedla v seznamu literatury.

Děkuji vedoucímu práce Mgr. et Mgr. Vlastimilu Váňovi za podporu, cenné rady, podnětné připomínky a trpělivost.

O mito é o nada que é tudo.

(Fernando Pessoa)

Índice:

1. Introdução.....6

2. África reinventada.....8

2.1. Os iorubás.....8

2.2 A religião iorubá.....11

2.3 A cosmovisão iorubá.....14

2.4 A mitologia iorubá.....17

3. Candomblé se apresenta.....20

4. Exu.....24

4.1 Caraterística principal.....24

4.2 Caraterística complementar.....27

4.3 Primeiro a homenagear.....31

4.4 Adivinhação.....33

4.4.1 Orunmilá na tradição Ifá.....33

4.4.2 Os *Odus*.....34

4.4.3 Exu no jogo de búzios.....36

5. Tradução tcheca de um conjunto de mitos de Exu.....39

5.1 Breve introdução.....39

5.2 As traduções.....47

Jak Exu dohnal dva přátele k boji na život a na smrt.....47

Jak Exu zosnoval rodinnou válku.....49

Jak Exu přivedl trhovkyni na mizinu.....51

Jak se Exu pokusil přestěhovat božstva.....53

Jak Exu vyvolal spor mezi Iemanjá, Oiá e Oxum.....56

Jak Exu zapálil dům a stal se králem.....60

Jak Exu dopomohl žebrákovi k bohatství.....62

Jak Exu dostal ebó a zachránil nemocného člověka.....64

Jak Exu pomohl jednomu muži s podfukem.....65

Jak se Exu pomstil za nedbale připravené ebó.....67

Jak se Exu pomstil a domohl se výsady první pocty.....68

Jak Exu všechno snědl a domohl se výsady jíst jako první.....70

Jak Exu přinesl lidem věštbu Ifá.....72

Jak se stal Exu nejmilejším přítelem Orunmiláa.....76

Jak Exu dostal Orunmiláa do nebezpečí a pak ho zachránil.....79

Jak se stal Exu pánem rozcestí.....83

Jak se Exu zapletl se slovy.....86

Jak ani Exu nedokázal přemoci smrt.....87

A zrodilo se candomblé... 90

6. Conclusão.....94

Bibliografia.....96

Apêndice I – De onde vêm as traduções.....98

Apêndice II – Exu em fotografias e desenhos.....143

1. Introdução

A idade moderna traz-nos a simplificação de vida devido a frutos do progresso irreversível científico-tecnológico, possibilita-nos obter quantidade inesgotável de informações sobre tudo que nos interessa. Hoje em dia, são os livros e as máquinas, sobretudo, que guardam a sabedoria e conhecimentos mundiais.

Para um homem moderno é difícil imaginar uma civilização desenvolvida que não conheça a escrita e que mantenha sua sabedoria exclusivamente na forma oral desde sempre.

Hoje como antes, os homens tentam procurar justificações e relevo da existência humana, da finalidade e do término da vida, respostas às questões imutáveis sobre a origem do mundo, dos humanos e das coisas, às questões existenciais que nos atraem, afligem e inquietam simultaneamente, da mesma maneira que atraiam, afligiam e inquietavam os homens nos tempos remotos.

Uma das maneiras de receber respostas é penetrar nas mitologias antigas, visto que os mitos, segundo psicólogos contemporâneos, representam as chaves dos mistérios mais profundos, ou seja, das histórias sagradas que contêm sabedoria muito profunda.

De várias mitologias antigas, optamos pela mitologia dos iorubás, de um povo africano bastante desenvolvido, cuja tradição religiosa tem sido mantida até hoje.

Devido ao desconhecimento da escrita na África tropical até ao século XIX, a sabedoria dos iorubás, assim como de outros povos habitantes dessas terras, perpetuava em forma de histórias e lendas transmitidas de geração em geração oralmente.

As histórias e as lendas tomam parte intrínseca da vida dos iorubás, constituindo um tipo de testemunho sagrado. São os mitos, ao lado de ritos e

cerimônias, que definem a visão do cosmo dos iorubás.

É o objetivo deste trabalho penetrar na mitologia dos iorubás africanos, cuja concepção do mundo e os princípios religiosos serviam, devido às circunstâncias históricas, de padrão aos cultos afro-brasileiros, ao candomblé principalmente.

É conforme a tradição iorubá, assim como a do candomblé, que a divindade chamada Exu sempre deve ser homenageada em primeiro lugar. Não querendo romper essa tradição, decidimos dedicar este trabalho a Exu.

Através da tradução tcheca de um conjunto de mitos de Exu, queremos entreabrir, ao leitor tcheco, uma das memórias sagradas do mundo.

2. África reinventada

Para percebermos bem a base do sistema religioso do candomblé brasileiro, temos que focalizar-nos primeiro na África ocidental, na costa do Golfo de Guiné, nos territórios pertencentes ao estado actual de Nigéria[1] habitados, desde há muitas centenas de anos, pelo povo iorubá.

Temos que saber quem eram, qual a sua visão do cosmo, quais os preceitos religiosos, qual o acervo mitológico que define a sua cosmovisão.

Os iorubás, assim como todos os povos da África sub-sahariana, não conheciam escrita. Tudo que se sabia transmitia-se apenas em forma oral. Para fazer perpetuar a memória primordial, os iorubás serviam-se de outros meios. Era nos mitos e nas lendas, nos ritos e cerimônias, na arte, que se mantinha a tradição iorubá desde sempre.

2.1 Os iorubás

A origem dos iorubás é imprecisa. Devido ao desconhecimento da escrita, não há documentos diretos que nos dêem informações sobre a história dos povos habitantes dos territórios tropicais da África, nem dos iorubás. A primeira obra que se dedica mais abrangentemente ao povo iorubá foi escrita por A. E. Ellis e publicada nos finais do século XIX[2].

Apesar de não terem conhecido a escrita, não podemos considerar o povo iorubá, de maneira nenhuma, um povo primitivo.

Ao longo tempo, nos territórios habitados pelos iorubás, existia um número de estados municipais poderosos – Ifê, Oyó, Ijebu, entre outros. Era na altura do seu

[1] Em menor escala, hoje em dia os iorubás vivem em Ghana, Togo e República do Benin também.
[2] Ellis, A. E.: *Yorubá-Speaking Peoples of the Slave Coast of West Africa*, Capman and Hall, Londres 1894.

florescimento e prosperidade que se formaram idéias religiosas iorubás.

Sabe-se que

> a civilização iorubana teve um urbanismo dos mais desenvolvidos da África negra. O antigo urbanismo iorubá data da época da Idade Média, entre os séculos XII e XIII, quando a cidade sagrada Ile-Ifê fervilhava com a força artística que mais tarde provocaria um verdadeiro assombro no Ocidente. Escultores de Ilê-Ifê estavam produzindo esplêndidas obras de arte em terracota, bem como em bronze. Nada comparável em qualidade estava sendo produzido na Europa nesta época.[3]

Percebe-se que os conceitos de beleza, de grandeza interior e riqueza, manifestados nas obras de arte, estão amalgamados com os princípios religiosos que regiam a vida dos iorubás.[4] A arte iorubá pode ser percebida como uma espécie do registro histórico, um dos registros materiais do pensamento iorubá.

A época dos Descobrimentos ultramarinos mudou, radicalmente, o mapa do mundo. Deu nascer a trocas múltiplas, à mistura de raças, de culturas, de idéias, de crenças, e levou às mudanças profundas na história da humanidade.

Eram os espanhóis e os portugueses que mais se destacaram. Em 1494, o Tratado de Tordessillas demarcou áreas de influência no mundo ultramarino entre essas potências navais.

Depois de ter sido descoberto o Brasil, em 1500, nasceu comércio em proveito de triângulo intercontinental no eixo Europa-África-América, em proveito e riqueza de todos os participantes, com exceção do objeto desse, dos negros escravos. Nasceu tráfego negreiro durante o qual, ao longo de mais de trezentos anos, mais de cinco milhões de pessoas foram trazidas da África para o Brasil[5].

Perderam liberdade, eram privados da humanidade, tornavam-se mera mão-de-obra.

---

3 Ligiéro, Zeca: *Iniciação ao Candomblé*, Editora Record, Rio de Janeiro 1993, p. 17.

4 Ibid., p. 17

5 Conforme Ctibor Votrubec (*Afrika*, SNP, Praha 1975), em total a baixa demográfica causada pelo tráfego negreiro atingiu 24 milhões de pessoas diretamente, porém, até 100 milhões de pessoas indiretamente, considerando também os que devido a esse facto nem nasceram.

Porém, sua concepção do universo, sua tradição e suas crenças profundamente enraizadas na sua consciência perpetuavam, e, mais tarde, faziam renascer às idéias religiosas africanas no Brasil.

Já referimos que na constituição do candomblé brasileiro destacou se, sobretudo, o sistema religioso dos iorubás, chamados também nagôs. Eles eram trazidos, na maioria, durante o último ciclo do tráfego negreiro[6].

Ligiéro assinala que

> a localização das principais cidades, distantes da costa, protegeu o povo iorubá do tráfico negreiro implantado pelos europeus desde o começo do século XVI. Mas as constantes guerras com o reino de Daomé acabaram por enfraquecer as cidades iorubanas. O assêdio constante dos europeus e o estímulo ao tráfico de prisioneiros de guerra em troca de gêneros de primeira necessidade acabaram transformando também o reino iorubá num celeiro de escravos.[7]

As levas de escravos aportavam, em geral, na capital do Brasil de então, em Salvador[8], que se tornou, mais tarde, o centro principal da consolidação de idéias religiosas africanas.

Do ponto de vista lingüístico, podemos entender os negros africanos trazidos para o Brasil em dois grandes grupos – os sudaneses e os bantus[9].

Segundo Vagner Gonçalves da Silva,

> os sudaneses englobam os grupos originários da África Ocidental e que viviam em territórios hoje denominados de Nigéria, Benin (ex-Daomé) e Togo. São, entre outros, os iorubás ou nagôs (subdividos em queto, ijexá, egbá, etc.), os jejes (ewe e fon) e os fanti-achantis. Essas populações se concentraram mais na região açucareira da Bahia e de Pernambuco, e sua entrada no Brasil ocorreu sobretudo em meados do século XVIII, durando até metade deo século XIX.[10]

---

6 Segundo Raul Lody *(Candomblé, Religião e Resistência cultural*, Editora Ática, São Paulo, 1987), o comércio escravagista pode ser percebido em quatro grandes ciclos: 1. ciclo da Guiné – segunda metade do século XVI; 2. ciclo de Angola-Congo – século XVII; 3. ciclo da Costa Mina – primeira metade do século XVIII; 4. ciclo de Benin – até meados do século XIX.

7 Ligiéro, Zeca: *Iniciação ao Candomblé*, Editora Record, Rio de Janeiro 1993, pág. 18.

8 Salvador era a capital do Brasil até 1763, sendo substituído pelo Rio de Janeiro. Desde 1960, Brasilia é a capital do Brasil.

9 Os bantos englobam as populações oriundas das regiões no atual Congo, Angola e Moçambique.

10 Silva, Vagner Gonçalves da: *Candomblé e Umbanda. Caminhos da Devoção Brasileira*, Edições Selo Negro, São Paulo 2005, p. 28.

2.2 A religião iorubá

É difícil categorizar a religião iorubá do ponto de vista dos estudos religiosos. È uma religião monoteística ou politeística? É uma religião monoteística, visto que há deus supremo que deu origem a tudo que existe. Porém, ele não é o objetivo do culto. São os orixás, deuses do panteão iorubá, agentes de deus supremo, a que se prestem homenagens e sacrifícios. Deste modo, podemos considerar a religião iorubá uma religião politeística.

Na aurora de sua civilização, o povo iorubá acreditava que forças sobrenaturais impessoais, espíritos, ou entidades estavam presentes ou corporificados em objetos e forças da natureza. Muitos desses espíritos passaram a ser cultuados como divindades, detentoras do poder de governar aspetos do mundo natural.[11] Num momento, o culto às divindades de elementos naturais fundiu-se com o culto aos antepassados, divinizando réis, heróis e ancestrais familiares.

Citaremos agora um trecho de Pierre Verger que assinala a origem dos orixás:

> Um babalaô me contou:
> Antigamente, os orixás eram homens.
> Homens que se tornaram orixás por causa de seus poderes.
> Homens que se tornaram orixás por causa de sua sabedoria.
> Eles eram respeitados por causa da sua força.
> Eles eram venerados por causa de suas virtudes.
> Nós adoramos sua memória e os altos feitos que realizaram.
> Foi assim que estes homens se tornaram orixás.
> Os homens eram numerosos sobre a terra.
> Antigamente, como hoje,
> muitos deles não eram valentes nem sábios.
> A memória destes não se perpetuou.
> Eles foram completamente esquecidos.
> Não se tornaram orixás.
> Em cada vila um culto se estabeleceu
> sobre a lembrança de um ancestral de prestígio
> e lendas foram transmitidas de geração em geração
> para render-lhes homenagem.[12]

Os orixás são considerados personificações da natureza, heróis gloriosos do

[11] htpp://fflch.usp.br/sociologia/prandi (texto de Prandi, Reginaldo: *Os orixás e a natureza*, USP, São Paulo, s/d.)
[12] Verger, Pierre Fatumbi: *Lendas Africanas dos Orixás*, Corrupio, São Paulo 1992, p. 9.

passado, ou ancestrais divinizados. Na África, a maioria dos orixás merece culto limitado, sendo venerados somente por uma família. Cada orixá familiar tem apenas um santuário. Ou podem ter um sentido local e vários santuários, sendo ligados a determinada cidade ou região. Apenas poucos orixás têm culto disseminado por todo o território iorubá.

O culto aos ancestrais, orixás familiares, é practicado pelos membros da família, enquanto os cultos aos orixás divinizados são mantidos por sacerdotes profissionais.

Na África, para tornar-se um sacerdote do orixá, *elègùn* (aquele que pode ser possuído pelo orixá), é preciso passar pelo ritual de iniciação, geralmente aos sete anos de idade. A iniciação significa uma passagem da vida profana para a vida consagrada ao deus.

Os ritos iniciáticos diferem conforme cada orixá. Em geral, a iniciação demora dezessete dias e compõe de várias cerimônias acompanhadas de banhos de purificação, de oferendas e sacrifícios ao orixá. Durante a iniciação, o estado de entorpecimento em que se encontra o iniciado é interrompido, repetidamente, por estados de *erê*[13] e o de possessão. É no transe de possessão pela divindade que se realiza a convivência mais próxima entre os homens e os deuses. Assim, o objeto da iniciação é preparar os iniciados para receberem, durante cerimônias, os orixás em seus corpos.[14]

A diferença entre as cerimônias para os orixás na África e no Novo Mundo decorre, sobretudo, do fato de que, na primeira, evoca-se um só orixá durante uma festa celebrada em um templo reservado para ele, enquanto na segunda, vários orixás são chamados em um mesmo terreiro[15] durante uma mesma festa. Na África, um só *elègùn* é normalmente possuído. No Brasil, durante uma mesma festa, vários iniciados

[13] No estado de *erê*, o corportamento de um iniciado toma uma forma infantil e incoerente, permitindo ao iniciado momentos de repouso..

[14] Sobre a iniciação na África ver: Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002; entre outros.

[15] Chama-se terreiro a casa do culto aos orixás no Brasil.

são possuídos pelo mesmo orixá, enfatizando o aspeto individual do orixá.[16]

Considera-se frequentemente, que o panteão iorubá possui 401 orixás. Na realidade, o número de deuses que intervêm ativamente na vida dos homens e que têm cultos desenvolvidos é bastante limitado. O panteão iorubá no Brasil é constituído por apenas cerca de uma vintena de orixás.

O sistema religioso iorubá deriva a sua origem da cidade de Ifê, lugar em que, segundo a cosmogonia e a mitologia iorubás, começou o processo de criação do mundo nos tempos remotos. A cidade de Ifê, *Ilê-Ifê*, tem sido, sem interrupção, o centro principal da religião, a cidade sagrada dos iorubás. Cada cidade, templo ou satuário, cada sacerdote, cada *oba*[17], ao representar uma fonte de energia, deriva sua energias da energia matriz de *Ilê-Ifê*.

Devido ao isolamneto geográfico, a escrita era desconhecida aos iorubás até aos meados do século XIX. Não há registos escritos diretos sobre a religião e mitologia iorubás. A tradição religiosa, a memória sábia dos antepassados era transmitida, exclusivamente, na forma oral e expressa na arte, proporcionando a arte uma espécie de "escrita" usada para interpretar, simbolicamente, a vida em todos os seus aspetos.

Segundo Parrinder[18], a religião iorubá pode ser descrita como um triângulo: no vértice superior, sede de todas as forças, situa-se deus supremo. Nos dois lados descendentes residem as forças subordinadas, os deuses e os antepassados. Na base vivem as forças menores, relacionadas com a magia. Os seres humanos encontram-se no meio do triângulo e têm de viver em harmonia com todas as forças que afetam a sua vida.

Quanto aos primeiros contatos dos iorubás com religiões mundiais, os adeptos de Islão aparecem, nos territórios dos iorubás, nos fins do século XVI e no início do século XVII. Os primeiros missionários cristãos começaram a organizar suas missões

[16] Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002, p. 74.
[17] *Obá* quer dizer rei ou soberano de uma cidade.
[18] Parrinder, Goeffrey: *África*, Verbo, Rio de Janeiro 1987, p. 13

desde os anos 40 do século XX.[19]

Entre os iorubás, o culto tradicional aos orixás mantêm a sua posição de liderança aproximadamente até aos meados do século XIX, quando a cristianização vence a religião tradicional. O culto aos orixás, porém, tem permanecido vivo e ativo, e cuidado com esmero por seus adeptos até aos nossos dias.

2.3 A cosmovisão iorubá

Segundo os iorubás, o cosmo é constituído pelo Orun – o Céu onde mora Olorun, os orixás e os antepassados, e o Aiê – a Terra habitada pelos homens e animais.

O panteão iorubá é presidido por Olorun, "o senhor do céu" em iorubá. Olorun, também chamado Olorum, Olodumare ou Olófi, é deus supremo, ser eterno e imortal, deus criador que deu origem a tudo. Ele é a força vital universal primordial de que nasceu tudo, de que provêm todas as outras forças e todas as formas de vida, ele é *axé*[20] em si. Ele decide sobre o destino e da sorte da humanidade.

Segundo Lawson[21], existem duas opiniões quanto à sua origem. Uma defende a tese que Olorun faz parte indissolúvel e eterna da concepção iorubá do mundo, a outra pensa em Olorun como em uma parte incorporada no sistema religioso iorubá sob a influência do islão ou do cristianismo.

A primeira tese pacere-nos justa, pois Olorun é, como já indicamos, uma fonte da força vital, uma energia matriz, o universo em si, e como tal mal seja sólida a concepção iorubá do mundo sem contar com ele.

Olorun não tem forma, náo tem imagem concreta, nem templos, nem

[19] Coletivo de autores: *As Religiões Tradicionais e sincréticas da África*, Progresso, Moscovo 1987, p. 205.
[20] A palavra *axé* é de origem iorubá e significa energia pura, princípio vital do universo, força vital que transforma o mundo, que é tudo que tem vida, é vida.
[21] Lawson, Thomas E.: *Náboženství Afriky. Tradice v proměnách*, Prostor, Praha 1998, p. 76.

santuários, nem uma casta de sacerdotes que lhe prestem serviços. Ele não se representa materialmente e não é possível contactá-lo. Entretanto, os iorubás, de vez em quando, destinam suas orações a ele, pois crêem quer ele controla o universo.

Os orixás, deuses do panteão iorubá, situam-se em posição inferior, como delegados, ministros ou agentes de deus supremo. Todavia, são os orixás o objetivo principal do culto, a eles cabem os sacrifícios, as honemagens e as louvações.

Os orixás alegrem-se e sofrem, vencem e perdem, conquistam e são conquistados, amam e odeiam. Os homens são apenas cópias esmaecidas dos orixás dos quais descendem. Cada homem herda do orixá de que provém suas marcas e caraterísticas, propensões e desejos, tudo como está relatado nos mitos.[22]

Na África, os orixás que mais se cultuam são Obatalá ou Oxalá, o Grande Orixá, criador do homem, considerado o maior dos orixás; Iemanjá, deusa do mar, considerada mãe de vários orixás. Do ventre de Iemanjá nasceram Dadá, deusas dos vegetais; Xangô, deus do trovão; Ogum, deus de ferro e da guerra; Olocum, divindade do mar; Orum, o Sol; Oxu, a Lua; Oiá ou Iansã, deusa do rio Niger; Oxum, deusa do rio Oxum e das águas doces; Obá, deusa do rio Obá; Ocô, deus da agricultura; Oxóssi, deus da caça; Oquê, deus das montanhas; Xapanã ou Obaluaê, deus da varíola; entre outros. Não enquecendo-se do filho caçula Exu, o mensageiro.

Cada orixá representa, rege e controla uma determinada força da natureza, corresponde a um dos quatro elementos cósmicos fundamentais, governa determinados aspetos da sociedade e de toda a vida humana.

É nos mitos que encontramos justificações dos aspetos diversos de cada um dos orixás. Como assinala Prandi,

> o mito está impregnado nos objetos rituais, nos cânticos, nas cores e desenhos das roupas e colares, nos rituais secretos da iniciação, nas danças e na própria arquitetura dos templos e, marcadamente, nos arquétipos ou modelos de comportamento do filho-de-santo, que recordam no cotidiano as caraterísticas e

[22] Prandi, Reginaldo: *Mitologia dos Orixás*, Companhia das Letras, São Paulo 2001, p. 24.

aventuras míticas do orixá do qual se crê descender o filho humano.[23]

Soubemos que Olorun deu origem a tudo que existe, não participou, porém, no próprio ato de criação.

Há pelo menos duas versões da criação do mundo. Uma imputa o papel do criador do mundo a Oxalá, a outra a Odudua.

Conta um mito que, no princípio, o mundo era todo pantanoso e cheio de água, um lugar desperdiçado. Sobre ele, no Céu, estava Olorun que ali vivia com outras divindades. Os deuses vinham brincar nos pântanos, descendo em teias de aranha que se estendiam sobre grandes precipícios, como pontes etéreas. Nessa altura, ainda não havia homens, pois não existiam solos enxutos e sólidos. Um dia, Olorun chamou o chefe das divindades, O Grande Orixá (Obatalá), à sua presença e disse-lhe que pretendia criar terrenos sólidos, e que o encarregava desta tarefa. O Grande Orixá recebeu de Olorun uma casca de caracol cheia de terra solta, um pombo e uma galinha com cinco dedos. Desceu do Céu em teia de aranha e deitou a terra da casca sobre um pequeno espaço no pântano, em seguida, colocou o pombo e a galinha sobre a terra, que começaram a espalhar a terra imediatamente, até que se formasse terreno sólido. O local onde se iniciou a criação foi chamado Ifê, vasto em iorubá, mais tarde juntou-se a palavra Ilê, casa em iorubá, para mostrar que se tratava da habitação da qual todas as outras surgiram. Desde então, Ilê-Ifè passou a ser a cidade mais sagrada do povo iorubá. Obatalá também foi encarregado de plantar as árvores para dar, mais tarde, alimento para os homens que foram criados no Céu, sendo Obatalá confiado a modelá-los em barro. A tarefa de dar a vida, porém, ficou reservada para Olorun.[24]

Conta o outro mito que quando foi Obatalá enviado por Olodumaré para criar o mundo, negligenciou devidas oferendas a Exu que lhe, em revancha, provocou uma

[23] Ibid., p. 19.
[24] Parrinder, Goeffrey: *África*, Verbo, Rio de Janeiro 1987, p. 22-23.

sede tão intensa que Obatalá bebeu vinho de palma em excesso e adormeceu. Odudua[25] que fez a oferenda completa, apoderou-se do saco da criação que Olodumaré confiou a Obatalá. Olorumaré então mandou Odudua a criar o mundo em vez de Obatalá. Não tendo criado a Terra, Oxalá foi confiado por Olodumaré a criar todos os seres vivos[26].

A criação da terra demorou quatro dias, daí a semana iorubá de quatro dias.

2.4 A mitologia iorubá

Conforme Parrinder,

> na mitologia de qualquer continente sempre se distinguem os mitos principais e os considerados de menor importância. Mitos há que são dominantes, mostrando o caráter do pensamento religioso, enquanto os outros são menos centrais, repetitivos e fantásticos. Deve ter-se sempre em conta todas estas espécies de mitos, pois é o seu conjunto que indica os valores que unem uma determinada sociedade.[27]

A orientação do nosso trabalho não proporciona espaço para tratarmos das histórias fantásticas ou das fábulas que fazem parte do património mitológio dos iorubás, assim como da maioria dos mitos dos orixás.

Os mitos dos orixás, originalmente, fazem parte dos poemas oraculares cultivados pelos babalaôs[28]. Segundo Prandi, os mitos

> falam da criação do mundo, e de como ele foi repartido entre os orixás. Relatam uma infinidade de situações envolvendo os deuses e os homens, os animais e as plantas, elementos da natureza e da vida em sociedade. Na sociedade tradicional dos iorubás, sociedade não histórica, é pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida.[29]

Sendo a tradição iorubá transmitida de geração em geração oralmente, por centenas de anos, vemos nela uma energia muito forte, um fio fino que nos liga com

---

[25] Nos mitos, Odudua é ora representado como masculino e irmão de Obatalá, ora como feminino e esposa de Obatalá.

[26] O mito *Olofin-Odudua cria o mundo em lugar de Oxalá* encontra-se em: Verger, Pierre Fatumbi: *Lendas Africanas dos Orixás*, Editora Corrupio, São Paulo 1992, p. 83-87.

[27] Parrinder, Goeffrey: *África*, Verbo, Rio de Janeiro 1987, p. 13.

[28] Babalaô, pai de segredo literalmente, sacerdote de Orunmilá que se dedica à adivinhação pelo sistema adivinhatório chamado Ifá.

[29] Prandi, Reginaldo: *Mitologia dos Orixás*, Companhia das Letras, São Paulo 2001, p. 24.

memória profunda e sabedoria primordial dos iorubás.

Neste trabalho é Exu quem chama a nossa atenção. Segundo mitologia e cosmogonia iorubás, Exu é um prolongamento importante da energia de deus supremo, que representa a energia universal vital primordial e única da qual provêm todas as outras energias como já mencionamos.

Veremos agora, num mito que encontramos em Willis[30], como é que foi que Exu se tornou um intermediário entre os homens e deus supremo: Um dia, Exu avisou *Olorun* de que os ladrões planejavam roubar inhame[31] do seu jardim. À noite, Exu enfiou-se no palácio de deus supremo, roubou as sandálias dele, e, calçando-as, foi ao jardim e roubou inhame todo. Ao ter chovido no dia anteior, as pegadas ficaram bem visíveis. De manhã, Exu comunicou o roubo, dizendo que seria fácil identificar o ladrão pelas pegadas que tinha deixado. Sendo as pegadas muito grandes, Exu inculpou o próprio deus supremo do roubo. Ele recusou a acusação, porém, as pegadas eram idênticas às dele. Em revancha, Olorun acusou Exu de picardia e anunciou que, imediatamente, estava a abandonar o mundo, dando ordens a Exu a ir cada noite ao céu para relatar-lhe sobre o ocorrido na Terra durante o dia. Assim, Exu tornou-se intermediário entre os homens e deus supremo.

Há vários mitos em que Exu é o protagonista ou uma das figuras centrais do mito. Exu teve numerosas brigas com outros orixás por causa de não cumprimento das devidas oferendas destinadas a ele.

Certas lendas nos contam de seus sucessos e seus reveses nas relações com Obatalá, o rei do pano branco, o Grande Orixá, chamado também Oxalá, ao qual provocou alguns maus momentos em vingança por não ter recebido devidas oferendas. Referimos, anteriormente, como é que Exu vingou-se a Obatalá quando da sua missão de criar o mundo.

---

[30] Willis, Roy: *Mytologie světa*, Slovart, Praha 1997, p. 274.
[31] Inhame, batata doce, um dos componentes básicos da comida dos iorubás.

Um outro mito conta que houve uma disputa entre Exu e Oxalá para saber qual dos dois era o mais antigo, pois o mais respeitável. Oxalá fez oferendas prescritas, Exu negligenciou. Houve um combate cheio de peripécias, ao fim do qual Oxalá se apoderou da cabacinha que continha o poder de Exu e foi proclamado o senhor da iniciativa e do poder.[32]

No Brasil, os mitos dos orixás jamais fazem parte dos poemas oraculares cultivados por babalaôs, visto que a arte oracular baseada na figura do babalaô foi absorvida pelo cargo centralizador das mães e dos pais-de-santo. Todavia, os mitos mantiveram-se difusos na memória ritual e no dia-a-dia das comunidades de candomblé.

Na parte final do nosso trabalho traremos, na tradução tcheca, um conjnunto de mitos de Exu que demonstrarão o caráter dele em sua multiplicidade, e justificarão a existência de alguns preceitos, rituais ou relações caraterísticos a Exu.

[32] O mito *Briga entre Oxalá e Exu* encontra-se em *Lendas Africanas dos Orixás de Pierre Fatumbi Verger*, Editora Corrupio, São Paulo 1992, p. 72-74.

3. Candomblé se apresenta

O Candomblé é uma religião universal, baseada, conforme já referimos, na tradição africana remota, na tradição religiosa dos iorubás especialmente.

A idéia fundamental do candomblé é a manutenção do equilíbrio entre os humanos e os deuses cultuados – a manutenção do *axé*, que se realiza através de cumprimento de preceitos religiosos e sociais, através de sacrifícios, de comidas sagradas, de músicas e cânticos ritualísticos, através do transe de possessão, etc.

A estrutura hierárquica de uma casa de candomblé, de um terreiro, segue o princípio de senhoridade. Para alcançar uma posição de importância, o data da iniciação é essencial. O ritual da iniciação significa uma passagem de vida profana para a vida religiosa, a vida sagrada. É o tempo pelo qual uma pessoa pertence ao culto, que indica o seu papel e cargos dele decorrentes dentro do candomblé.

O cargo mais elevado de um terreiro é o da mãe ou do pai-de-santo, *ialorixá* ou *babalorixá* em iorubá. Exerce o máximo respeito e obediência, cabe-lhe o máximo poder, mas também as máximas obrigações e proibições decorrem do seu cargo dirigente. Dentro do candomblé, a *ialorixá* "em si mesma resume, inquestionavelmente, toda a autoridade espiritual e moral"[33].

No Brasil, nos candomblés de origem iorubá, as mulheres ocupam todos os cargos elevados da hierarquia sacerdotal. Os homens reservam-se aos temporários e honorários[34].

O segundo cargo mais elevado na hierarquia é representado pela mãe-pequena, *iá kekerê* em iorubá. Sucessora eventual na liderança do terreiro, a *iá kekerê* ajuda e ensina todos no terreiro, está em contato mais direto com as filhas-de-santo, sobretudo durante o processo de iniciação, mas também nas outras cerimônias religiosas. As

[33] Lody, Raul: *Candomblé; Religião e resistência cultural*, Editora Ática, São Paulo 1987, p. 35.
[34] Entre outros cagos masculinos, são os *ogãs*, protetores do terreiro que cuidam da sua boa fama dentro da sociedade. Não podem cair em transe.

filhas-de-santo, as *iaôs*, representam o grupo mais numeroso dentro da comunidade de candomblé. Cultuam orixás e cuidam com a casa.

Sete anos após o processo iniciático, a *iaô* passa às filhas mais velhas, *ebômim* em iorubá. Nesta condição já pode ocupar um dos cargos mais inportantes no candomblé. As *ebômim* encarregam-se de certos serviços parciais, mas de importância[35].

As filhas-de-santo servem de instrumento de comunicação com o Orun, servem de "cavalos" aos orixás no transe de possessão pelas divindades durante as festas, enquanto às *êkede* falta essa capacidade, repousando o seu papel em ajuda às filhas-de-santo quando possuídas pelos orixás.

Para poder servir de cavalo é preciso passar pelo ritual de iniciação. É um processo de passagem para a vida consagrada ao orixá, para o mundo do *axé*. Um processo, cujo objetivo é preperar "cavalos" que os orixás possam montar. Uma vez incorporados em corpos de seus devotos, os orixás podem alegrar-se, conviver e dançar com os humanos.

A iniciação é um ritual bastante complexo e como tal exigiria espaço para ser devidamente descrito a que não cabe no nosso trabalho.[36] Em síntese, as futuras *iaôs* submetem-se, durante dezessete até vinte e um dias, a vários ritos que pretendem prepará-las, física e espiritualmente, para poderem, durante as festas, receber em si o seu orixá, quer dizer o dono da sua cabeça, para o qual foram feitas durante a iniciação.

Olorun é considerado o deus supremo, porém, são os orixás a que se prestam as homenagens, as oferendas e as louvações. Acredita-se que os orixás vivem na África,

---

[35] Entre os cargos auxiliares mencionamos *iá morô* que ajuda a mãe-de-santo nos serviços religiosos; *dagã* ou *sidagã* que são encarregadas do *padê* de Exu; *iá bassê que* prepara comida para os orixás; *iá tebexê* que escolhe e declama cânticos na festa; etc.

[36] Breves notas sobre a iniciação encontram-se em nosso trabalho de bacharelato de 2004.
Uma descrição ampla encontra-se em: Carneiro, Edison: *Candomblés da Bahia*, Editora Brasileira de Ouro, Salvador, s/d.; Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002; entre outros.

na terra natal dos antepassados remotos, de onde vêm, invocados pelos ritmos de tambores e cânticos, e atraídos pelas oferendas, para dançarem com os homens. No final da festa, pelos ritmos de tambores e cânticos de novo, os orixás são mandados de volta para a África.

Os candomblés mais tradicionais, os que tentem aproximar-se mais do modelo religioso matriz dos iorubás, adotam a sua cosmovisão, sua mitologia, seu universo em conjunto.

Como já referimos, dos cerca de 400 orixás cultuados na África, apenas duas dezenas são veneradas no Brasil. Entre os orixás que mecerem mais destaque lembramos Obatalá ou Oxalá, o Grande Orixá; Iemanjá, deusa do mar, mãe de vários orixás; Xangô, deus do trovão; Ogum, deus de ferro e da guerra; Oiá ou Iansã, deusa dos raios e das tempestades; Oxum, deusa das águas doces, da fertilidade e da beleza; Oxóssi, deus da caça; Xapanã ou Obaluaê, deus da varíola e das doenças contagiosas; e Exu, o mensageiro e o elemento dinâmico do culto; entre outros.

Cada orixá tem sua caraterística principal – cabem-lhe determinadas músicas e cânticos, determinado dia da semana, tem sua representação material, suas insignias, seus objetos rituais caraterísticos, suas cores simbólicas, oferendas específicas, comidas e bebidas prediletas, etc.

Segundo Prandi, são os mitos que justificam os papéis e atributos dos orixás, explicam a coerrência de fatos no dia-a-dia e legitimam as práticas rituais, desde as fórmulas iniciáticas, oraculares e sacrificiais até à coreografia das danças sagradas, definindo cores, objetos, etc.[37]

O catolicismo era a única religião oficial no Brasil até o século XIX. Para poderem, mais ou menos livremente, exprimir e adorar seus deuses, os negros escravos tiveram que adotar as idéias cristãs. Assim, o negro era levado ao sincretismo.

[37] Prandi, Reginaldo: *Mitologia dos Orixás*, Companhia das Letras, São Paulo 2001, p. 32.

Ao ser, nos finais do século XIX, proclamada a independência de idéias religiosas do negro, começaram a consolidar-se, no solo brasileiro, religiões consideradas afro-brasileiras. O candomblé é uma delas.

Por volta 1830, em Salvador, foi fundado o primeiro candomblé[38], primeitro terreiro que deu nascer a todos os demais. Suas fundadoras, antigas escravas libertas originárias de Queto[39], pertenceram à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Baroquinha.

Nos candomblés mais tradicionais, há tendências, desde meados do século XX, de discernir o candomblé do catolicismo e aproximar-se o mais possível da tradição matriz africana.

Ao longo da sua história, o candomblé era uma religião exclusivamente negra – proibida, oprimida e perseguida. Passava pelas provas de resistência para poder, em meados do século XIX, sair da ilegalidade e consolidar-se livremente, recebendo de portas abertas todos que queiram entrar no seu mundo. Movimentos culturais passaram a integrar o candomblé na literatura, na música, ou no cinema. Hoje em dia, o candomblé pode ser considerado uma religião universal, aberta para todos.

[38] O primeiro terreiro instalou-se sob o nome de *Ilê Iyanassô*; ainda hoje existe no memso local sob o nome de Casa Branca de Engenho Velho.

[39] Queto é uma das cidades iorubás.

4. Exu

Vimos o panteão iorubá, falamos sobre deus supremo e sobre as principais divindades, os orixás. Mesmo que as personalidades de outros orixás também nos pareçam atraentes, decidimos, conforme a tradição iorubá, de que falaremos mais adiante, prestar atenção a Exu em primeiro lugar.

Nas mitologias do mundo, a figura de um "tricster", quer dizer um ser, sempre masculino, que ultrapassa fronteiras e quebra limites, um travesseiro fazendo patifaria, ou um mensageiro celeste, é muito comum.

Dos vários "tricsters" do mundo lembramos Hermes da mitologia grega antiga; Mercúrio da mitologia romana antiga; Thovt da mitologia egipcíaca antiga, coiote da mitologia dos índios norte-americanos; Loki da mitologia nórdica; Kitsun da mitologia japonesa; entre outros.[40]

Na mitologia iorubá, o papel de "tricster" é desempenhado por Exu.

4.1 Caraterística principal

Exu é um orixá de uma posição especial tanto dentro da religião iorubá, quanto dentro do candomblé. Há autores que, devido a sua posição excepcional, nem o consideram um orixá. Conforme Carneiro, "Exu não é um *orixá* – é um criado dos *orixás* e um intermediário entre os humanos e os *orixás*".[41] Também Bastide[42] ocupa a mesma atitude que, porém, não nos parece justa, pois o cargo de criado retira a importância do seu papel imprescindível dentro da concepção do universo dos iorubás e do candomblé, sendo ele um elemento dinâmico que assegura a continuidade do

[40] Trata-se sobre o assunto em: Hyde, Lewis: *Trickster Makes This World: Mischief, Myth and Art*, Farrar, Strauss and Giroux, New York 1998.
[41] Carneiro, Edison: *Candomblés da Bahia*, Brasileira de Ouro, Salvador, p. 61.
[42] Bastide, Roger: *Bahijské kandomble*, Argo, Praha 2003, p. 152.

cosmo. Exu é um orixá, mas de estatuto e cargos peculiares como veremos mais adiante.

Segundo a génese dos iorubás, Exu é o primeiro nascido da existência, primeiro ser criado por deus suppremo (Exu Yangi). Considera-se que Exu tem vinte e uma qualidades. Entre as caraterísticas mencionadas com maior freqüência, encontram-se qualidades de intermediário; mensageiro; galhofeiro; "tricster"; dono das encruzilhadas; guardião dos lugares e das pessoas; um elemento de transformação, de dinâmica, de dualidade, de fecundidade, de oportunidade, de potencionalidade, de solução; uma qualidade essencial; ou essência pura. Todas essas qualidades formam um leque que reflete a mútipla personalidade de Exu.

Para obtermos uma descrição ampla e complexa da sua personalidade, e para podermos perceber bem a sua posição dentro do candomblé, temos que conhecer primeiro as suas caraterísticas na concepção religiosa iorubá, a partir da qual, como já vimos, se consolidou uma parte substancial do sistema religioso do candomblé de tradição nagô.

Pierre Verger, em *Orixás; Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, dá-nos a seguinte descrição:

> Exu é um orixá ou um *ebora* de múltiplos aspectos, o que torna difícil de defini-lo de maneira coerente. De caráter irascível, que gosta de dissenções e disputas, de provocar acidentes e calamidades públicas e privadas. É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, a tal ponto que os primeiros missionários, assustados com essas caraterísticas, compararam-no ao Diabo, dele fazendo o símbolo de tudo o que é maldade, perversidade, abjeção, ódio, em oposição à bondade, à pureza, à elevação e ao amor de Deus. Entretanto, Exu possui o seu lado bom e, se ele é tratado com consideração, reage favoravelmente, mostrando-se serviçal e prestativo. Se, pelo contrário, as pessoas se esquecerem de lhe oferecer sacrifícios e oferendas, podem esperar todas as catástrofes. Exu revela-se, talvez, desta maneira o mais humano dos orixás, nem completamente mau, nem completamente bom.[43]

E mais adiante:

> Exu é o guardião dos templos, das casas, das cidades e das pessoas. É também ele que serve de intermediário entre os homens e os deuses.[44]

[43] Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002, p. 76.
[44] Ibid., p. 78

Segundo Willis[45], Exu é o galhofeiro mais famoso da mitologia africana. Ele é o mais astucioso de todas as divindades e responsável por todas as discórdias entre os humanos, assim como entre os humanos e os deuses. É um espírito vagabundo que habita mercados, encruzilhadas e soleiras das casas. Onde há mudança e transformação, ele está presente.

Conforme E. T. Lawson[46], Exu é um galhofeiro fazendo patifaria, alguém que recompensa e retribui, uma fonte de sabedoria e conhecimento que engloba em si qualidades contraditórias. Um dos seus papéis básicos é o de intermediário entre vários níveis da energia, especialmente, entre a energia humana e a divina.

Como demonstra Reginaldo Prandi em *Mitologia dos orixás*,

> Exu é o orixá sempre presente, pois o culto de cada um dos demais orixás depende do seu papel de mensageiro. Sem ele orixás e humanos não se podem comunicar. […] Sem sua participação não existe movimento, mudança ou reprodução, nem trocas mercantis, nem fecundação biológica.[47]

Em *Exu: Poder e magia*, um texto que se dedica mais amplamente a figura de Exu, Liana M. Salvia Trindade carateriza Exu desse modo:

> Exu é a encarnação do desafio, da vontade e da irreverência. Permite aos homens a possibilidade de autodeterminação, de quebra das interdições sociais que limitam a sua liberdade, ao lhes dar acesso aos meios mágicos religiosos de melhorar a sua sorte. Exu, enquanto princípio da existência individualizada, introduz a diferenciação, a noção de autonomia e de ação possível ante os sistemas estruturados e como princípio genérico da dinâmica social é representante da mudança ainda não realizada. Exu preside o destino humano, ao mesmo tempo que introduz o acaso e a sorte na existência dos homens. Rompe os modelos conformistas do universo cósmico e social ao trazer consigo a desordem e a possibilidade de mudança.[48]

Vimos que para fazer uma caraterística de Exu, não é possível limitar-se a poucas palavras, tão ampla é a sua personalidade.

Como já referimos, Exu é considerado o elemento dinâmico do cosmo, o intermediário entre vários níveis da energia. Mal seja possível uma intermediação sem

[45] Willis, Roy: *Mytologie světa*, Slovart, Praha 1997, p. 274.
[46] Lawson, Thomas E.: *Náboženství Afriky. Tradice v proměnách*, Prostor, Praha 1998, p. 80.
[47] Prandi, Reginaldo: *Mitologia dos orixás*, Companhia das Letras, São Paulo, p. 21.
[48] Trindade, Liana M. Salvia: *Exu: Poder e Magia*, em *Olóòrìsà. Escritos sobre a religião dos orixás*, Ágora, São Paulo 1981, p. 3.

movimento. Exu é esse movimento, esse princípio dinâmico e estruturante do cosmo. Os outros aspetos da sua personalidade derivam dessa essência sua. Ele faz picardias, provoca, usa todos os meios para manter o cosmo em movimento, movimento que transforma, traz mudança, quebra limites, cura, etc.

Exu transporta *axé*, a força vital universal, Exu é ser-força e como tal encontra-se em tudo que existe, tanto em elementos animados como desanimados.

É a manutenção do *axé*, quer dizer da continuidade da ordem cósmica e social, que é o alvo da concepção do universo dos iorubás e do candomblé, e que se procura manter através das oferendas, dos rituias e das cerimônias, entre outros.

É o constante processo dialético de equilíbrio e desequilíbrio que assegura a continuidade da ordem cósmica, é como se fossem as lingüetas de uma balança, sempre procurando equilibrar-se, pois a harmonia que se procura manter resulta da constante instabilidade entre um e o outro.

Exu introduz a desordem para restabelecer a harmonia, fomentando um ciclo incessante do cosmo.

Mesmo que o papel de Exu seja tão importante, não existe nenhum grupo especial de sacerdotes de Exu, como podemos ver no caso de outras divindades, como em Xangô, em Ogum, ou em Ifá; nem lhe são consagrados santuários, nem templos especiais, porém, em todos santuários, assim como em todos ritos, ele tem o seu lugar de importância notável. Em cada santuário ou templo consagrado a qualquer divindade, há sempre um lugar dedicado a Exu que se situa logo na entrada.[49]

4.2 Caraterística comlementar

Encontramos várias informações complementares, tratando das cores

[49] Lawson, Thomas E.: *Náboženství Afriky. Tradice v proměnách*, Prostor, Praha 1998, p. 79.

simbólicas de Exu, da sua comida e bebida prediletas, das suas representações simbólicas, etc. Por tratar-se de informações breves, decidimos agrupá-las em um capítulo para complementarmos a caraterística principal de Exu.

A cada orixá correspondem cores que o simbolizam. Quanto às cores que simbolizam Exu, são vermelho e preto, por isso, as pessoas que procuram a sua proteção usam colares de contas pretas e vermelhas.

A cada orixá corresponde um determinado dia da semana. Segundo a lógica das primeiras homenagens destinadas a Exu, o dia da semana consagrado a Exu no Brasil é, invariavelmente, a segunda-feira para que os dias subseqüentes corram felizes, suavemente, sem perturbações nem intranqüilidades.

A comida sagrada dos orixás faz parte indissolúvel de cerimônias. A cada orixá servem-se pratos diferentes, cada um tem seus sabores, seus pratos prediletos. Quanto aos sabores de Exu, servem-se a ele farofa de dendê, galos e bodes (pretos de preferência), preás, cabras, galinhas, obis, feijão e pipoca para comer, e água, aguardente, vinho e cerveja para beber.

Cada orixá tem a sua maneira especial de dançar. Exu pode dançar no candomblé, mas não em meio aos demais ôrixás. Conforme Verger, a tendência, no caso de ele se manifestar, é de acalmá-lo, de fixá-lo, oferecendo lhe sacrifícios e procedendo à iniciação da pessoa possuída por ele em proveito do seu irmão Ogum, com o qual Exu divide caráter violento e arrebatado.[50]

Existem vários louvores, *oríki*, a Exu e às suas qualidades extraordinárias compostos, frequentemente, de palavras absurdas de propósito. Eis os mais conhecidos:

> Exu dormiu na casa, porém, a casa foi pequena demais para ele. Exu dormiu na varanda, porém, a varanda foi pequena demais para ele. Exu dormiu numa noz – podia acostar-se finalmente.
> Exu passou por um campo de arachis – e mal era possível avistar a sua topete. Se não fosse tão grande, não seria possível vê-lo de jeito nenhum.

[50] Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002, p. 79.

Deitado, a sua cabeça bate no telhado. Estando de pé, não vê o fundo duma panela.
Exu faz o bom virar mal e o mal virar bom.[51]
"Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro.
É numa peneira que ele transporta o azeite que compra no mercado; e o azeite não escorre dessa estranha vasilha.
Ele matou um pássaro ontem, com uma pedra que somente hoje atirou. Se ele se zanga, pisa nessa pedra e ela põe-se a sangrar.
Aborrecido, ele senta-se na pele de uma formiga"[52].

O nome mais usado para chamar o mensageiro do panteão iorubá é Exu, *Èsù* em iorubá. Há, porém, vários outros nomes pelos quais ele é chamado, alguns deles podem passar por apelidos, outros parecem ser letras dos cânticos ou fórmulas de louvores. Eis alguns: Exu-Elegbá ou Exu-Elegbará e seus possíveis derivados: Exu-Bará ou Exu-Ibará, Exu-Alaketo, Exu-Laalu, Exu-Jelu, Exu-Akessan, Exu-Loná, Exu-Agbô, Exu-Larôye, Exu-Inan, Exu-Odara, Exu-Tiriri. Familiarmente, Exu é chamado o "Ccompadre" ou o "Homem das encruzilhadas", pois é nesses lugares que se depositam, de preferência, as oferenda que lhe são destinadas.[53]

No Brasil, além dos nomes já citados, Exu ainda se chama "Môjubá, Ékécãe, Barabô, Tibiriri, Tiriri, Lònã, Juá, Moromba, Pavenã, Kôlôbô, Chefe Cunha, Maioral, etc."[54]

Quando afigurado, Exu costuma ser representado por figuras de barro, de massa, de madeira e de ferro.

Carneiro assinala que Exu é representado como um homem de ferro, nu, chifrudo, com um bastão de que partem sete pontas de lança, ou um boneco de massa, de tronco vigoroso e braços fortes, obeso, de pernas curtas, os olhos bem abertos e vivos.[55]

As suas ferramentas mais caraterísticas são um tridente de ferro ou um bastão de ferro de sete pontas, e, sobretudo, um porrete chamado *ogó*.

---

51 Willis, Roy: *Mytologie světa*, Slovart, Praha 1997, p. 274.
52 Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002, p. 78.
53 Ibid., p. 79
54 Carneiro, Edison: *Candomblés da Bahia*, Brasileira de Ouro, Salvador, p. 63.
55 Ibid., p. 73.

Segundo Verger, na África, o lugar consagrado a Exu é constituído

> de um pedaço de pedra porosa, chamada *yangi*, ou por um montículo de terra grosseiramente modelado na forma humana, com olhos, nariz e boca assinalados com búzios; ou então ele é representado por uma estátua, enfeitada com fieiras de búzios, tendo em suas mãos pequenas cabaças (*ado*), contendo os pós por ele utilizados em seus trabalhos. Seus cabelos são presos numa longa trança, que cai para trás e forma, em cima, uma crista para esconder a lâmina de faca que ele tem no alto do crânio. Isso, por sinal, é dito em uma de suas saudações: *"Sonso abe ko lori eru"*. ["A lâmina (sobre a cabeça) é afiada, ele não tem (pois) cabeça para carregar fardos."].[56]

No Brasil, o lugar consagrado a Exu é, geralmente, ao ar livre ou no interior de uma pequena choupana isolada ou, ainda, atrás da porta da casa.

Cada pessoa pertence a um orixá determinado que é o senhor da sua cabeça e de quem herda caraterísticas físicas e de personalidade. Assim, cada orixá representa um tipo mítico que é religiosamente atribuído aos seus descendentes. Através de mitos, a religião fornece padrões de comportamento que modelam, reforçam e legitimam o corportamento dos fiéis.[57]

Como assinala Verger,

> o arquétipo de Exu é muito comum em nossa sociedade, onde proliferam pessoas com caráter ambivalente, ao mesmo tempo boas e más, porém com inclinação para a maldade, o desatino, a obscenidade, a depravação e a corrupção. Pessoas que têm a arte de inspirar confiança e dela abusar, mas que apresentam, em contrapartida, a faculdade de inteligente compreensão dos problemas dos outros e a de dar ponderados conselhos, com tanto mais zelo quanto maior a recompensa esperada. As cogitações intelectuais enganadoras e as intrigas políticas lhe convêm particularmente e são, para eles, garantias de sucesso na vida"[58].

Exu tem caráter múltiplo. Uma vez formada a sua personalidade pelas qualidades como irascibilidade, subversão, astúcia e índole vingativa, não é de admirar que, desde a época dos primeiros contatos de missionários europeus cristãos com os iorubás na África, ele era sincretizado com o diabo.

Representando forças negativas e possitivas ao mesmo tempo, diz-se que Exu é ambíguo. Para os iorubás, porém, ele é múltiplo, visto que os iorubás não conheciam

---

[56] Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002, p. 77.
[57] Prandi, Reginaldo: *Herdeiras do Axé. Sociologia das religiões afro-brasileiras*, Hucitec, São Paulo, 1996, p. 27.
[58] Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002, p. 79.

esta bipolariedade, entendendo os homens, assim como os orixás, uma mistura detudo, seres nem completamente bons, nem completamente maus.

A sincretização iludida de Exu com o diabo ainda era reforçada, sem dúvida, por suas representações simbólicas materiais – uma das ferramentas de Exu, como referimos, é tridente de ferro ou um bastão de ferro com sete pontas, às vezes ele é representado como um homem chifrudo, o que ajudou muito à símile com o diabo.

No Brasil, poucas pessoas são abertamente consagradas a Exu em razão do sincretismo com o diabo, enquanto na África há pessoas que usam orgulhosamente nomes como *Esubíyií* ("concebido por Exu"), ou *Esutosin* ("Exu merece ser adorado")[59].

4.3 Primeiro a homenagear

Considerámos o cargo de intermediário muito inerente da personalidade de Exu. Manifesta-se, sobretudo, no eixo *Orun*, o Céu – *Aiê*, a Terra, em que Exu representa um elemento indispensável de ligação entre um e o outro.

"Por essa razão é que nada se faz sem ele e sem que oferendas lhe sejam feitas, antes de qualquer outro orixá, para neutralizar suas tendências a provocar mal-entendidos entre os seres humanos e em suas relações com os deuses e, até mesmo, dos deuses entre si"[60]. Assim, tanto no dia-a-dia religioso dos iorubás, como no do candomblé, todos os momentos iniciais de qualquer cerimônia lhe são dedicados.

Nos candomblés do Brasil, antes de começar o *xirê* dos orixás, uma festa pública, sempre se faz *padê,* encontro ou reunião em iorubá, ou "despacho" de Exu.

A tradição africana manda que as cerimônias se iniciam com a matança de certos animais, caindo o sangue dos animais sacrificados sobre Exu. Atualmente, já se

[59] Ibid., p. 76.
[60] Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002, p. 78.

vai descurando esse cerimonial tradicional e realiza-se apenas a segunda parte do despacho de Exu da qual falaremos mais adiante.[61]

Conforme Verger, durante o ritual de *padê*, "Exu é chamado, saudado, cumprimentado e enviado ao além com uma dupla intenção: convocar os outros deuses para a festa e, ao mesmo tempo, afastá-lo para que não perturbe a boa ordem da cerimônia com um dos seus golpes de mau gosto"[62].

Como Exu também tem por objetivo realizar os desejos dos homens, mais um propósito de *padê* é de garantir, previamente, a realização do favor a pedir.

Carneiro assinala que Exu

> [...] fará o que lhe pedirmos, contanto que lhe demos as coisas de que gosta, azeite de dendê, bode, água ou cachaça, fumo. Se esquecemos, não só não obteremos o favor, como também Êxu desencadeará contra nós todas as forças do Mal, que como intermediário, detém nas suas mãos. Eis porque os primeiros momentos da festa lhe são dedicados: os negros conquistam, assim, de antemão, os favores que, durante a cerimônia, esperam receber dos ôrixás.[63]

O ritual de *padê* é, em princípio, acessível apenas aos membros do terreiro e segue à primeira fase de uma festa pública, que consiste em sacrifício de um animal, que se dá, conforme o propósita da festa, no *peji*[64] principal apenas em presença de *axogum* (sacrificador de animais), da mãe ou do pai-de-santo e mais umas auxiliares iniciadas.

Edison Carneiro dá-nos seguinte descrição do *padê:*

> No chão, haverá uma garrafa de azeite-de-dendê, um prato com farofa, talvez um copo de água ou de cachaça. Os atabaques começam a tocar, enquanto as filhas em coro entoam canções a Exu. Então, uma das filhas mais velhas, *dagã* ou *sidagã,* especialmente destinada para esse fim, dançando em torno da comida sagrada, tira ora um pouco de azeite, ora um pouco de farofa, ora um pouco de água, e vai jogá-los, à entrada da casa, para que *o homem da rua* possa recebê-los.[65]

No Brasil, devido à autonomia de cada terrieiro, o ritual de *padê* pode tomar as formas mais diversas, desde um grande cesto contendo bode, galinha preta e outros

61 Carneiro, Edison: *Candomblés da Bahia*, Brasileira de Ouro, Salvador, p. 62.
62 Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002, p. 79.
63 Carneiro, Edison: *Candomblés da Bahia*, Brasileira de Ouro, Salvador, p. 62.
64 O termo *peji* designa o santuário principal de uma casa do candomblé.
65 Carneiro, Edison: *Candomblés da Bahia*, Brasileira de Ouro, Salvador, p. 51.

animais sacrificados, farofa de azeite-de-dendê, garrafas de cachaça, tiras de pano vermelho e moedas, até apenas uma vela acesa, ou uma garrafa de cachaça.[66]

Na parte final do nosso trabalho podemos ler dois mitos que justificam e esclarecem como é que foi que Exu ganhou o privilégio das primeiras homenagens.

4.4 Adivinhação

4.4.1 Orunmilá na tradição Ifá

Na África, existe uma adivinhação pelo sistema chamado Ifá, cujos sacerdotes se chamam *babalaôs*, os pais de segredo, literalmente. A tradição Ifá é identificada com um profeta chamado Orunmilá.

Conta um mito que Orunmilá assistiu ao ato de criação. Sendo o testemunho do destino das pessoas (*Eleeri Ipin*), mantém-se ao lado de Olodumaré. Todos os Imalés[67] deverão pedir-lhe palavra. Ele mostra o caminho a seguir e as oferendas a fazer. Já nos tempos remotos em que ainda não havia Terra, era assim – todos os Imalés e até o próprio deus supremo e Orunmilá consultaram Ifá em algumas ocasiões.[68]

Orunmilá traz aos homens a palavra de deus supremo, os *babalaôs* são porta-vozes de Orunmilá.

Ifá é o próprio oráculo. A cidade de Ilê-Ifê, cidade sagrada dos iorubás, é a capital do culto a Ifá desde sempre.

Neste culto, Exu é o mensageiro responsável pela comunicação entre o adivinho e Orunmilá, e pelo transporte das oferendas ao mundo dos orixás.[69]

Na África, há várias técnicas adivinhatórias - *ikin Ifá, opelê Ifá* ou jogo de

---

66 Ibid., p. 22.
67 Imalé, imolé ou ainda irunmolé, designação das divindades que habitavam, nos tempos remoos, o mundo.
68 Verger, Pierre Fatumbi: *Lendas Africanas dos Orixás*, Editora Corrupio, São Paulo 1992, p. 83-87.
69 Prandi, Reginaldo: *Mitologia dos orixás*, Companhia das Letras, São Paulo, p. 18.

búzios. As técnicas oraculares *ikin e opelê* são uma prerrogativa dos homens, os búzios podem ser lançados pelos homens assim como pelas mulheres, conforme justificação dada por um mito que trata sobre como Oxum, deusa do rio Oxum na África, e das águas doces, da beleza, da fecundidade e dos metais preciosos no Brasil, deitou-se com Exu para aprender jogar os búzios[70].

A técnica divinatória *ikin* Ifá é a técnica mais complexa e a mais elaborada de todas as outras. Numa consulta a Ifá, o adivinho trabalha com dezesseis caroços dos frutos do dendezeiro, um tabuleiro e um pó divinatórios.

Vemos agora como é que se desenrola a consulta a Ifá na África: o babalaô pega os dezesseis nozes de palmeira pela mão esquerda e tenta pegar mais caroços possível pela mão direita. Restando, na mão esquerda, um caroço, ele faz um traço duplo em pó do tabuleiro. Restando dois, faz um traço único. Se restar mais do que dois caroços na mão esquerda, ou nenhum, não se faz traço nenhum. O adivinho repete esse procedimento até que obtenha duas colunas cada de quatro traços. Há dezesseis combinações básicas, i.é., dezesseis *odus* principais.

4.4.2 Os *odus*

Odus são lendas e histórias antigas que representam um tesouro de conhecimentos e conservam a sabedoria profunda antiga dos iorubás.

Há dezesseis *odus* principais e dentro de cada um existe dezesseis configurações possíveis. Há duzentos e cinqüenta e seis *odus* básicos e a cada *odu* corresponde uma história, uma lenda antiga, um caminho (*itan*).

A iniciação de um babalaô é uma iniciação intelectual. Segundo Verger, durante a iniciação, o futuro babalaô

[70] O mito encontra-se em Prandi, Reginaldo: *Mitologia dos orixás*, Companhia das Letras, São Paulo, p. 337-338, entre outras fontes.

> precisa aprender uma quantidade enorme de histórias e de lendas antigas, classificadas nos duzentos e cingüenta e seis *odus* ou signos de Ifá, cujo conjunto forma uma espécie de enciclopédia oral dos conhecimentos tradicionais do povo de língua iorubá. Orunmilá, embora não sendo um orixá, participa muitas vezes nas histórias de Ifá, na vida e nas aventuras dos deuses iorubás.[71]

Durante a iniciação, o babalaô aprende essas histórias primordiais que relatam fatos do passado que se repetem cada dia na vida dos homens. Para os iorubás antigos, nada é novidade, tudo o que acontece já teria acontecido antes. Identificar no passado mítico os acontecimentos que ocorrem no presente é a chave da decifração oracular.[72]

Os *odus* são recitados em forma de poemas de cor pelos babalaôs. Como a escrita não fazia parte da cultura dos iorubás até pouco tempo atrás, o processo de aprendizagem dos *odus*, do acervo mítico iorubá, só se dava pela decoração paciente e meticulosa. O tempo de estudo de um babalaô nunca termina e um adivinho continua aprendendo até à morte. É pela sabedoria e pelo conhecimento que se mede o respeito dele.

Segundo Agenor Miranda Rocha[73], cada *odu* divide-se em três partes – *ebó;* mito, uma história; e a interpretação do oráculo.

O *ebó*, uma oferenda ou um sacrifício faz uma parte indissolúvel da consulta. É pelas oferendas que se realiza a troca constante do *axé*, a força vital universal. Seja como for o objetivo da consulta, sempre se deve fazer um *ébó* para assegurar a ajuda divina no caso, uma solução favorável do problema com que se confronta o consulente, para assegurar a boa sorte e obster infortúnios.

A cada determinado *odu* corresponde uma determinada oferenda, porém, cabe ao adivinho completar a lista de ingredientes, conforme cada caso.

Como já referimos, Exu é o intermediário responsável pelo transporte das oferendas ao A*iê*, fazendo assim parte indispensável do culto a Ifá.

Na vida cotidiana religiosa, nada se faz, tanto na África como no Brasil, sem

[71] Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002, p. 126.
[72] Prandi, Reginaldo: *Mitologia dos orixás*, Companhia das Letras, São Paulo, p. 18.
[73] Rocha, Agenor Miranda: *Caminhos de Odu*, Pallas, Rio de Janeiro 2001, p. 15.

que antes se consulte o oráculo, pois faz se a consulta para determinar o que deve e o que não deve ser feito. É pela consulta que se identifica o orixá dono da cabeça da noviça a ser iniciada; que se revela o substituto do chefe do candomblé que faleceu, etc. Faz-se consulta para dar orientação para qualquer tipo de problema ou dificuldade. É através do oráculo que as pessoas tentam descobrir o futuro ou o passado desconhecidos, a vontade de deus supremo ou dos antepassados. Quanto mais séria a questão a ser resolvida, maior a responsabilidade do adivinho.

Acredita-se que um determinado *odu* contém a história capaz de identificar tanto o problema trazido pelo consulente como sua solução, seu remédio mágico, que envolve sempre a realização de um *ebó*. O adivinho precisa saber qual a história, qual o *odu*, qual o mito, que fala dos problemas do consulente, e nele ele procura as soluções.[74]

Segundo alguns mitos, foi Exu quem transmitiu a arte de adivinhação a Orunmilá. Daí a estreita ligação entre Orunmilá e Exu que demonstrarmos na tradução tcheca de dois mitos na parte final deste trabalho.

4.4.3 Exu no jogo de búzios

Os *babalaôs* que aportaram no Brasil na condição de escravos não encontraram no solo brasileiro condições favoráveis ao pleno exercício de suas funções. A atividade do *babalaô* exige uma prática constante do saber divinatório para uma revitalização permanente dos conhecimentos, uma recorrência permanente à memória coletiva de onde extrai o conteúdo necessário de realimentação, o que é possível apenas dentro da dinâmica sócio-cultural da sociedade de onde são originários.[75]

Há sistemas de adivinhação derivados do sistema de Ifá, porém sem ligação

[74] Prandi, Reginaldo: *Mitologia dos orixás*, Companhia das Letras, São Paulo, p. 18.
[75] Braga, Júlio: *O Jogo de Búzios. Um Estudo da adivinhação no Candomblé*, Editora Brasiliense, São Paulo 1988, p.33.

com Orunmilá. Em um deles, utilizam-se dezesseis búzios e é Exu quem dá as respostas; num outro são usadas as quatro partes de uma noz de cola e é o orixá que responde diretamente às perguntas do consulente.

No Brasil, a consulta a Ifá com *ikin* ou *opelê* foi dominada pelo jogo de búzios e tomou, assim, uma forma mais modesta. O jogo e búzios é conhecido na África também, porém, os babalaôs recorrem a essa técnica adivinhatória apenas nas sessões de menor relevância.

O jogo de búzios está intrinsecamente relacionado a Exu, pois é ele quem fala através do jogo.

São dezesseis os búzios que se lançam, daí a chamar-se o jogo de búzios *merindilogum*, dezesseis em iorubá, ou, ainda, *dilogum*.[76] Também se podem usar sete, doze, treze, vinte e um búzios. Qualquer que seja o número dos búzios utilizados, o jogo continua a ser chamado *dilogum*, perdendo esse termo o significado etimológico de dezesseis.[77]

Os búzios (os cauris) são conchas marítimas com uma face aberta naturalmente, outra aberta artificialmente, por motivo do equilíbrio no instante do lançamento.

No Brasil, o cargo de *babalaô* foi acumulado no cargo dos chefes dos candomblés, das ialorixás e dos babalorixás.

Prandi esclarece que

> pouco a pouco a adivinhação praticada no candomblé no jogo de búzios foi sendo simplificada e o corpo de mitos foi sendo desligado a prática divinatória, preservando-se, contudo, os nomes dos *odus*, as previsões e os *ebós* ou oferendas propiciatórias, além do nome dos orixás que eram os protagonistas das histórias originais de cada *odu*. O próprio orixá Orunmilá foi sendo esquecido, passando Exu a ocupar o papel central na prática oracular do jogo de búzios. Os mitos, entretanto, continuaram presentes nas explicações da criação, na composição dos atributos dos orixás, na justificativa religiosa dos tabus, que são muito presentes no cotidiano do camdomblé, no sentido das danças rituais, etc.[78]

---

[76] Conforme Muniz Sodré, Professor do UFRU e escritor, na capa de *Caminhos de Odu* de Agenor Miranda Rocha.

[77] Braga, Júlio: *O Jogo de Búzios. Um Estudo da adivinhação no Candomblé*, Editora Brasiliense, São Paulo 1988, p. 87.

[78] Prandi, Reginaldo: *Mitologia dos orixás*, Companhia das Letras, São Paulo, p. 18.

O processo de iniciação ao jogo de búzios é relativamenmte simples, quando comparado à iniciação dos *babalaôs* na África.

No Brasil não existe uma comunidade auto-reguladora entre os adivinhos, há, então, uma enorme variedade de maneira como se jogam os búzios, assim como há uma diversidade de leituras das quedas dos búzios e da interpretação dos *odus*.

5. Tradução tcheca de um conjunto de mitos de Exu

5.1 Breve introdução

Para conservarmos um estilo literário e estilístico único das traduções a seguir, escolhimos como o padrão para a nossa tradução o livro de mitos *Mitologia dos orixás* organizado por Reginaldo Prandi, Professor Titular da Sociologia da Universidade de São Paulo, o livro que representa a coleção mais ampla dos mitos africanos e afro-americanos reunidos até hoje.

O livro reconta 301 mitos, nós escolhemos dezoito mitos sobre Exu e o epílogo. Conforme o facto das primeiras homenagens sempre serem destinados a Exu, também nós demos preferência a Exu e segundo a orientação do nosso trabalho, fizemos traduções tchecas de um conjunto de mitos em que Exu é o protagonista.

Prandi apoiou uma parte significante dos mitos reunidos em *Mitologia dos orixás,* em um caderno registrado por Agenor Miranda Rocha[79], mais tarde intitulado *Caminhos de Odu.* Agenor Miranda Rocha, por sua vez, ganhou este legado mitológico por parte da Mãe Aninha Oiá Bii[80], a autora "mental" do caderno, que lhe ditou todas as histórias contidas, já em 1928. Mesmo que existissem várias cópias do caderno, circulando entre o povo-de-santo e servindo de padrão também para vários outros autores que se dedicaram ao estudo do mundo do candomblé e de outros cultos afro-brasileiros, o livro *Caminhos de Odu* apenas foi publicado em 1999.

Cabe notar o relevo da pesquisa de campo de Reginaldo Prandi e de seus colegas que associaram, aos mitos já colhido, mais do que quarenta mitos "da primeira mão".

---

[79] *Oluô* de grande prestígio, Olossaim, homem sábio e muito respeitado pela sua sabedoria e conhecimentos, entre o povo-de-santo.

[80] Mãe-de-santo, fundadora de um dos mais antigos e mais famosos terreiros, do Axé Opô Afonjã em Salvador e no Rio de Janeiro.

Por não existir nenhuma uniformidade nas fontes, aparecendo cada mito em várias versões, Prandi optou "por um padrão inspirado na forma dos poemas dos babalâos africanos (conforme Abimbola, 1976), com o uso de versos livres e linguagem sintética, procurando sempre manter, contudo, os conteúdos originais da fonte"[81]. Na tradução, nós seguimos essa forma.

Como não deixamos de repetir, Exu é uma divindade polivalente e esssa polivalência pode ser exemplificada nos mitos. Para as necessidades do nosso trabalho, respetivamente da parte das traduçõe, fizemos uma divisão temática imaginária dos mitos, relacionando-os a partir das caraterísticas principais da personalidade múltipla de Exu, predominantes em cada um deles. A sucessão dos mitos que traduzimos segue, então, esses aspetos de Exu: aspecto vingativo; aspeto subversivo; aspeto bonachão; a justificação do privilégio das primeiras homenagens; a relação de Exu com a adivinhação, porquanto com Orunmilá; e, finalmente, um grupo de mitos "especiais", fora dos aspetos e das caraterísticas acima mencionados.

O lado vingativo ou malfazejo de Exu é evidenciado nos primeiros três mitos: *Exu leva dois amigos a uma luta de morte; Exu promove guerra em família*; e *Exu provoca ruína da vendedora do mercado*.

O mito *Exu leva dois amigos a uma luta de morte* talvez seja o mito mais conhecido sobre Exu. Ao longo da nossa pesquisa, encontrámo-lo em vários trabalhos sobre o candomblé e sobre a religião iorubá. Ao contrário de alguns outros, as versões deste mito só diferem em pormenores.[82]

Nesses três mitos a vingança cruel de Exu foi apenas uma conseqüência de não

[81] Prandi, Reginaldo: *Mitologia dos orixás*, Companhia das Letras, São Paulo, p. 35.

[82] Em outra versão, depois de muita luta, os dois amigos são levados diante do rei para ser julgados. Exu, chegando lá e declarando o seu ato pícaro, acaba por ser perseguido pelos guardas do rei enfurecido. Em fuga, Exu põe fogo nas várias casas e acaba distribuindo fortuna da gente atingida pelo sinistro.

cumprimento de um dos preceitos essencial, o de prestar homenagens a Exu. Nenhuma das calamidades teria acontecido – nem os amigos teriam brigado, nem a família real se teria massacrado, nem a vendedora teria se arruinado – se tivessem feito a Exu as oferendas e os sacrifícios respetivos.

Soubemos que Exu gosta de semear discórdia e introduzir a desordem, tanto entre os homens como entre os orixás. Exu é o elemento dinâmico do sistema religioso iorubá que, através da dinâmica de mobilidade, mantém a continuidade da ordem cósmica e social. Não é a harmonia estática e estruturada que se tenta atingir, mas sim um equilíbrio instável, dirigido pelos princípios dinâmicos e estruturantes.

Este aspecto de Exu, o do princípio dinâmico e estruturante do universo, manifesta-se nos mitos sob a forma de travessura, malicícia e subversão, o que demonstramos em seguintes mitos: *Exu tenta trocar a mortada dos deuses*; *Exu instaura conflito entre Iemanjá, Oiá e Oxum*; e *Exu põe fogo na casa e vira rei*.

Queríamos chamar atenção ao ensinamento expresso no final do mito *Exu instaura conflito entre Iemanjá, Oiá e Oxum*, que adverte para a importância do cuidado por relações com os antepassados, pois conforme a concepção iorubá, os ancestrais representam uma fonte importante da energia da qual, em boa parte, depende a sorte dos seus dscendentes. O respeito e a dedicação aos ancestrais manifesta-se através dos rituais e cerimônias. Há ancestrais familiares e ancestrais divinizados na África, o culto aos primeiros limita-se a uma família, os outros são ligados aos acontecimentos históricos e venerados em todo o território iorubá. Durante os rituais e as cerimônias, o antepassado é representado pelo *egungun,* um dançarino, sempre um homem, que usa uma máscara passada de geração em geração, pois a energia nela contida é muito forte.

No Brasil, uma vez sendo desfeitos os laços familiares, jamais são cultuados

ancestrais familiares, apesar disso, o culto aos ancestrais desenvolveu-se plenamente.[83]

Ressaltamos ainda a importância do mito *Exu põe fogo na casa e vira rei*. Segundo *Caminhos de Odu* de Agenor Miranda Rocha, e *Jogo de Búzios* de Júlio Braga, este mito representa terceiro caminho do primeiro *odu* chamado *Ocanrã*, entre outros nomes.

No jogo de búzios, o primeiro *odu* corresponde a posição de um búzio aberto e quinze fechados. "Para quem se faz esta consulta, pode-se garantir uma fortuna instantânea. Apesar das dificuldades, o resultado será sempre bem-sucedido"[84].

"O consulente deve fazer um *ebó* contendo, entre outras coisas, um bode, um galo – alimentos sagrados que se oferecem a Exu – e uma jarra contendo sete búzios. Note-se que os búzios, antiga moeda dos iorubás, são associados à idéia de fortuna e sucesso"[85].

Como vimos, Exu possui o seu lado malicioso, porém, ele é justo e sabe recompensar e mostrar-se bonachão a todos que cuidam dele com respeito. Este aspecto seu – o da bondade e da justiça, pode ser demonstrada em seguintes mitos: *Exu ajuda um mendigo a enriquecer*; *Exu recebe ebó e salva um homem doente*; *Exu ajuda um homem a trapacear*; e *Exu vinga-se por causa de ebó feito com displicência*.

Graças às suas artimanhas e às estratégias astutas, os homens conseguem fortuna, fama, boa saúde etc. Se tratado com consideração, Exu pode virar o destino dos homens e intervir a favor do benefício deles. Três desses quatro mitos fazem parte dos *odus* principais.

Exu ajuda um mendigo a enriquecer representa quinto caminho do décimo quatro *odu* chamado *Icá*. Esse caminho prediz que a pessoa que sente falta de recursos

---

83 Sobre o assunto consulte Santos, Juliana Elbein dos; Santos, Deoscóredes M. Dos: *O culto dos ancestrais na Bahia: O culto dos Égun,* em *Olóòrìsà. Escritos sobre a religião dos orixás*, Editora Ágora, São Paulo 1981, p. 152-188.

84 Rocha, Agenor Miranda: *Caminhos de Odu*, Pallas, Rio de Janeiro 2001, p. 36.

85 Braga, Júlio: *O Jogo de Búzios. Um Estudo da adivinhação no Candomblé*, Editora Brasiliense, São Paulo 1988, p. 125.

de todas as espécies na vida pode, de uma hora para outra, tornar-se próspera e que um auxílio momentâneo, mas decisivo, pode acontecer, quando se obedecem as determinações e regras preceituadas na matéria indicada. Para isso, o *ebó* deve conter cabras, galinhas e peixes assados e encolhidos, entre outras coisas[86]. Este *odu* corresponde a quatorze búzios abertos e dois fechados[87].

O mito *Exu recebe ebó e salva um homem doente* representa o segundo caminho do terceiro *odu* chamado *Etaogundá*. O jogo vindo neste caminho prediz que é preciso ter muita precaução com pessoas afeiçoadas e íntimas por amizade, pois todas as reservas devem ser poucas para não ter depois de passar por dissabores[88]. No jogo de búzios, a este *odu* corresponde a posição de três búzios abertos e treze fechados[89]. O consulente deve agradar a Exu através de um *ebó* que contenha seus alimentos favoritos, como farofa de dendê, um galo, obis e preás.

O mito *Exu ajuda um homem a trapacear* representa o segundo caminho do décimo segundo *odu* chamado *Ejila-Xeborá*. O *ebó* deve conter galos, preás e bodes, entre outros ingredientes[90]. "Quando este caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que ele terá grandes dificuldades na vida, mas que com muita astúcia, como fez Exu na história, vencerá todos os problemas[91]". No jogo de búzios do Brasil, a este *odu* corresponde a posição de doze búzios abertos e quatro fechados.

Mesmo que, pelo título, o mito *Exu vinga-se por causa de ebó feito com displicência* possa parecer não demonstrar o aspecto bonachão de Exu, enquadrámo-lo neste grupo por, pelo conteúdo, expressar claramente a justiça dele.

---

86 Rocha, Agenor Miranda: *Caminhos de Odu*, Pallas, Rio de Janeiro 2001, p. 167.
87 Braga, Júlio: *O Jogo de Búzios. Um Estudo da adivinhação no Candomblé*, Editora Brasiliense, São Paulo 1988, p. 169.
88 Rocha, Agenor Miranda: *Caminhos de Odu*, Pallas, Rio de Janeiro 2001, p. 50.
89 Braga, Júlio: *O Jogo de Búzios. Um Estudo da adivinhação no Candomblé*, Editora Brasiliense, São Paulo 1988, p. 130.
90 Rocha, Agenor Miranda: *Caminhos de Odu*, Pallas, Rio de Janeiro 2001, p. 139.
91 Braga, Júlio: *O Jogo de Búzios. Um Estudo da adivinhação no Candomblé*, Editora Brasiliense, São Paulo 1988, p. 163.

A justificação do privilégio das primeiras homenagens a Exu, o que é uma prerrogativa dele, um preceito religioso indissolúvel de todos os rituais e cerimônias, qualquer que seja o orixá que se festeja, declaramos nesses dois mitos: *Exu vinga-se e exige o privilégio das primeiras homenagens* e *Exu come tudo e ganha o privilégio de comer primeiro*.

Mesmo que as justificações do facto de as primeiras homenagens serem destinadas a Exu difiram uma da outra, a razão para tal facto é a mesma – acalmá-lo para não provocar calamidades e não perturbar o decurso das cerimônias. Chama-se o *padê* ou "despacho de Exu" o ritual que antecede qualquer cerimônia ou ritual e do qual já referimos.

A relação de Exu com a adivinhação, porquanto com Orunmilá, revela se nesses mitos: *Exu leva aos homens o oráculo de Ifá*; *Exu torna-se amigo predileto de Orunmilá*; e *Exu pôe Orunmilá em perigo e depois o salva*.

Já referimos sobre a estreita relação entre Exu e Orunmilá. No sistema adivinhatório Ifá, Exu desempenha o papel de intermediário entre o adivinho e Orunmilá.

Na tradição de Ifé, Orunmilá é o primeiro companheiro e "Chefe Conselheiro" de *Odudua* na hora da sua chegada a Ifé. Outras fontes dizem que ele se instalou em uma colina em Ifé, onde mora, até hoje, a maior autoridade em sistema adivinhatório Ifá. Orunmilá é também chamado *Àgbónmìrégún* ou *Èlà*. É o testemunho do destino das pessoas e, por esta razão, é chamado *Eléèrì Ìpín*[92].

A temática dos mitos a seguir pareceu-nos, de certo modo, tão específica, fora das caraterísticas mencionadas, que decidimos agrupar os mitos em conjunto. Não obstante, alguns aspectos da personaliodade de Exu dos quais já referimos aparece.

[92] Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002, p. 126.

Trata-se dos mitos seguintes: *Exu ganha poder sobre as encruzilhadas*; *Exu atrapalha-se com as palávras*; *Exu não consegue vencer a Morte*, e *E foi inventado o candomblé....*

Logo no primeiro mito, *Exu ganha poder sobre as encruzilhadas*, aparecem informações bastante importantes da concepção do cosmo dos iorubás e do candomblé.

O mito esclarece como é que Exu se tornou o dono das encruzilhadas, o lugar que é fortemente ligado a ele.

Conta-se no mito que Exu ficou na casa de Oxalá dezesseis anos, vemos, então, que o número dezesseis aparece de novo. Segundo Prandi, o número 16 para os iorubás é perfeição, a totalidade, número que se repete freqüentemente em mitos e fórmulas rituais.

"Exu não perguntava. Exu observava. Exu prestava atenção. Exu aprendeu tudo". Este trecho do mito demonstra a maneira como se recebe o conhecimento, ensina como recebê-lo dos mais velhos. Sem perguntas, observando, dedicando-se. A aprendizagem é um processo lento, exige paciência e disciplina, visto que por mais que se saiba, maior é a responsabilidade adquirida.

O mito *Exu atrapalha-se com as palávras* justifica por que os assentamentos de Exu sempre se encontram fora das casas da comunidade. É porque Exu, apesar de ser o mais astucioso de todos, atrapalhou-se com as próprias palavras.

Antes de terminarmos esta breve introdução à tradução tcheca dos mitos de Exu a seguir, falaremos sobre o epílogo *E foi inventado o candomblé...* Mesmo que o candomblé não faça parte, evidentemente, da mitologia iorubá. achamos este belo mito oportuno para encerrar o conjunto todo. Conta como Olorum, deus supremo, separou o Aiê dos homens e o Orum dos deuses e como foi que os homens e os orixás puderam finalmente conviver de novo. Neste mito aparecem várias alusões aos preceitos religiosos, por exemplo ao procedimento do ritual iniciático do candomblé, ou ao

decurso do *xirê*. Há várias palavras em iorubá neste mito, cujo significado se encontra no comentário.

5.2 As traduções

Jak Exu dohnal dva přátele k boji na život a na smrt

Jednou časně zrána dali se dva přátelé

do práce na svých polích,

oba však zapomněli obětovat Exuovi.

Exuovi, který jim vždy dával déšť a dobrou sklizeň!

Exu zuřil.

Nasadil si na hlavu špičatou čepici,

z jedné strany bílou, z druhé červenou

a už si to vykračuje mezi poli,

jednoho má po pravici,

druhého má po levici.

Jak míjel oba přátele,

hlasitě je pozdravil.

Vesničani se na sebe podívali. Kdo byl ten neznámý?

„Kdo je ten cizinec v červené čapce?“, ptal se jeden.

„Kdo je ten cizinec v bílé čapce?“, tázal se druhý.

„Ta čapka byla bílá. Bílá!“, zdůrazňoval prvý.

„Kdepak, byla červená.“, ubezpečoval druhý.

Bílá. Červená. Bílá. Červená.

Pro jednoho byla cizincova čapka bílá,

pro druhého červená.

Začali se o barvu čapky přít.

Bílá.

Červená.

Bílá.

Červená

Nakonec popadli motyky

a navzájem se umlátili.

Exu zpíval a tancoval.

Exu se pomstil.

Jak Exu zosnoval rodinnou válku

Jeden král i jeho rodina přestali Exuovi vzdávat
náležité pocty.
Exu se s tím nehodlal smířit.
Zaplatí draze za tu urážku!
I vyhledal Exu královnu,
která se zžírala žárlivostí, protože král
měl oči jen pro mladší manželku.
Řekl jí, že kouzlem způsobí,
že král pro ni znovu zahoří.
Dal jí nůž a řekl, aby králi
uřízla jeden chlup z jeho vousu,
aby mohl danou práci vykonat.
Nato šel Exu do domu prince, následníka trůnu, a tomu řekl,
že jeho otec by ho dnes v noci rád viděl,
ať přijde do paláce a vezme s sebou své bojovníky.
Nakonec šel Exu ke králi a řekl mu, ať se má na pozoru,
že královna se ho dnes v noci chystá zabít.

Tu noc se král odebral na lože,
ale nespal a čekal.
Tak viděl, že královna vstoupuje do jeho pokoje
a blíží se k němu s nožem v ruce.
Myslel si, že ho chce zabít,
a tak se s ní pustil do nelítostného boje.

Princ, který vcházel se svými muži do paláce,

zaslechl hluk a utíkal se svými vojáky do královské ložnice.

Spatřil otce s nožem v ruce,

který ho v boji vytrhl královně,

a myslel si, že král chce jeho matku zabít.

Vtrhl s vojáky do komnaty.

Propuklo strašné krveprolití.

Účty byly splaceny, a draze.

Exu zpíval.

Exu tančil.

Exu se pomstil.

Jak Exu přivedl trhovkyni na mizinu

Abionã prodávala šaty na trhu.

Dobře se jí dařilo a lidé ji chovali v úctě.

Všichni ji zdvořile zdravili,

když přicházela na trh prodávat svoje zboží.

Jenže Abionã už dlouho nevzpomněla na Exua;

žádná *ebó*[93], žádné laskominy,

žádná kořalka, pepř, ani kokosový olej[94].

Zapomněla, že to Exu jí dal vše.

Exu jí dal vše, co měla.

Jednoho dne zase prodávala své zboží na trhu,

když se jí doneslo, že její dům je v plamenech.

Nechala stánek stánkem

a zoufalá běžela domů.

Nebylo už ale pomoci. Zbyl jen popel.

Zarmoucená Abionã se vrátila na trh,

ale to tam bylo její zboží.

Nebylo už ale pomoci. Všechno jí ukradli.

Naříkala a plakala,

a každý se jí smál.

Abionã už nebyla bohatá,

lidé si jí přestali vážit

a odvraceli se od ní.

[93] Como referimos, o termo *ebó* significa oferenda ou sacrifício.
[94] Iguarias prediletas de Exu.

Exu se pomstil.

Jak se Exu pokusil přestěhovat božstva

Na počátku měli Olocum, Orum a Oxu
každý svůj vlastní dům.
Olocum, bohyně-moře, žila v oceánech a řekách,
všude tam, kde žije voda.
Oxu, bohyně-luna, měla ve zvyku opouštět svůj dům
a toulat se po nebi,
tu jedním, tu druhým směrem,
každý týden v jinou dobu.
Orum, bůh-slunce, vyhoupl se každé ráno
nad svůj dům a navracel se do něj až v noci.
Jednoho dne přišel Exu k Olocum a řekl jí:
„Tvůj dům není dobrý, pojď se mnou,
ukážu ti něco lepšího."
Pak šel Exu za Orumem a Oxu a řekl jim totéž.
Všichni odvětili:
„Výborně, tak mi to ukaž."
A tak Exu odvedl Olocum do Oxuina,
Oruma do Olocumina
a Oxu do Orumova domu.
Přestěhoval je všechny.
Oxalá byl největší ze všech božstev.
Ze svého domu
mohl vidět každý den přecházet Oruma
a každou noc Oxu.

Nazítří však ve dne uviděl přecházet Oxu,

a tak se jí ptá:

„Co se děje,

to chodíš teď přes den?“

Oxu odvětila:

„To Exu mi poradil, že bych tak měla žít.“

Oxalá nařídil, aby se Oxu vrátila

tam, kam on ji umístil.

Když se setmělo, Oxalá uviděl přecházet Oruma

a za chvíli také Olocum.

Zeptal se jich, co se stalo,

Orum a Olocum odvětili stejně jako Oxu.

A tak i jim Oxalá nařídil, aby se vrátili zpět na svá místa

a dělali práci, kterou jim dříve vymezil.

Podruhé Exu

donutil tři božstva, aby si vyměnila domy,

vyhrožuje jim smrtí.

A znovu si Oxalá záměny všiml

a vyslal Xapanãa[95], aby Exua potrestal.

A Orum s tím Xapanãovi pomohl.

Jak Exu otevřel oči,

oslepil ho Orum svou sluneční září

a Xapanã ho spráskal svou metlou[96].

Exu měl tělo plné ran.

[95] Xapanã, také chamado Obaluaê ou Omolu, é deus da varíola e das doenças contagiosas.
[96] Uma das insignias de Xapanã é a feixe de varas chamada *xaxará*.

A tak se šel Exu umýt k řece.

Aby ulevil svému utrpení, poslal jej dál.

Vstupuje do řeky, pronesl kletbu:

„Ať všechny rány,

které Xapanã uštědřil mému tělu,

voda předá každému,

kdo se v ní smočí.

Ať každého jak oheň spálí.

Kdo ve vodě se smočí,

v níž Exu smyl bolest způsobenou Xapanãem,

toho ať stihnou neštovice a ať jizvy mu po nich zůstanou.“

Tak Exuův pokus

obrátit svět vzhůru nohama dotkl se také lidí

a bude s nimi žít navěky.

Jak Exu vyvolal spor mezi Iemanjá, Oiá e Oxum

Jednoho dne šly spolu na trh

Oiá[97] a Oxum[98], manželky Xanga[99], a Iemnajá[100], manželka Oguma[101].

Exu se objevil na trhu, vedl jakousi kozu.

Viděl, že všude vládne klid, a rozhodl se zasít semínko sváru.

Přistoupil k Iemanjá, Oiá a Oxum

a řekl, že mu Orunmilá[102] svěřuje důležitý úkol.

Opouští město a žádá je,

aby jeho kozu prodaly za dvacet mušlí.

Navrhl, aby si půlku utrženého zisku ponechaly.

Iemanjá, Oiá i Oxum souhlasily a Exu odešel.

Prodaly kozu za dvacet mušlí.

Iemanjá, Oiá a Oxum odložily deset mušlí stranou pro Exua.

A jaly se rozdělovat deset mušlí, které jim připadly.

Iemanjá mušle spočítala.

Pro každou z nich tu jsou tři mušle, ale jedna přebývá.

Nebylo možné rozdělit těch deset mušlí na tři stejné části.

Právě tak se o to pokusily Oiá i Oxum

a ani jim se nepodařilo mušle spravedlivě rozdělit.

A tak se ty tři začaly přít,

které přísluší největší část.

Iemanjá pravila:

---

97 Oiá, também chamada Iansã, é deusa dos raios e da tempestade, e do rio Niger na África, é a dona dos espíritos dos mortos (eguns).

98 Oxum é a deusa das águas doces, da beleza, da fecundidade, dos metais preciosos, e do rio Oxum na África.

99 Xangô é o deus do trovão e da justiça.

100 Iemanjá é a deusa do mar, é considerada a mãe de vários orixás.

101 Ogum é o deus da guerra, da metalurgia e da agricultura.

102 Orunmilá é o testemunho do destino dos homens. Praticamente esquecido no Brasil.

„Bývá zvykem, že největší díl náleží nejstaršímu.

Proto si tu zbylou mušli vezmu já.“

Oxum návrh Iemnajá zamítla,

ujišťovala, že zvykem bývá, že nejmladšímu

náleží největší díl,

a proto přísluší jí.

Oiá se do toho vložila a řekla, že co se týče podobných pří,

přísluší největší podíl prostřednímu.

Ty tři nedokázaly ten spor vyřešit.

A tak přivolaly jednoho trhovce, aby

mezi ně ty mušle spravedlivě rozdělil.

Ten vzal mušle a utvořil tři stejné kupky.

A doporučil, aby desátá mušle připadla té nejstarší.

Ale Oiá, druhá nejstarší, i Oxum, ta nejmladší,

jeho radu zamítly.

Nechtěly Iemanjá přenechat největší podíl.

I požádaly dalšího člověka, aby mušle spravedlivě rozdělil.

Ten je spočítal, ale rovnoměrně je rozdělit neuměl.

Navrhl, aby největší podíl připadl té nejmladší.

Iemanjá a Oiá nesouhlasily.

Ještě jeden člověk byl požádán, aby se zhostil dělení.

Mušle spočítal, utvořil tři kupky po třech

a zbylou mušli dal stranou.

Ujišťoval, že v tomto případě by měla přebytečná mušle připadnout

té, která není ani nejmladší, ani nejstarší.

Mušle by měla připadnout Oiá.

Ale Iemanjá i Oxum jeho radu zamítly.

Nechtěly Oiá přebytečnou mušli přenechat.

Nebylo způsobu jak dělení provést.

Exu se vrátil na trh, aby se podíval, jak se spor vyvíjí.

Řekl: „Kde je můj díl?“

Daly mu deset mušlí a požádaly ho, aby rozdělil

jejich deset mušlí spravedlivým způsobem.

Exu dal tři Iemanjá, tři Oiá a tři Oxum.

Desátou mušli si ponechal.

Vložil ji do jamky v zemi a zasypal ji hlínou.

Exu řekl, že přebytečná mušle je pro předky,

podle zvyku, kterým se řídí na Orumu.

Pokaždé, když někdo získá něco dobrého,

musí vzpomenout na předky.

Část úrody, část hostiny

i část z oběti se daruje orixům, předkům.

Stejně tak je tomu s penězi.

Takový je zvyk, tak to chodí na Nebesích.

Tak to má být také na Zemi.

Získá-li kdokoli jakoukoli věc,

musí se o ni s předky podělit.

„Pamatujte, že o mušle se nesmí vést spory.“

Iemanjá, Oiá i Oxum uznaly, že Exu má pravdu.

A souhlasily, že každá se spokojí se třemi mušlemi.

Každý, kdo se o události na trhu v Oió dozvěděl,

pak o vztah ke svým předkům lépe pečoval,

vždy nemalou část jim postoupil z toho, co získal

svojí prací a dary štěstěny.

Jak Exu zapálil dům a stal se králem

Jednoho dne nařídili Exuovi, aby připravil *ebó*,

aby na sebe bohatství nenechalo dlouho čekat.

Jak *ebó* připravil,

odešel Exu do města Ijebu.

Místo aby se ubytoval v paláci místního vládce,

jak velela tradice,

zůstal v domě muže vysokého úředního postavení.

Časně zrána, když ještě všichni spali,

Exu pomaloučku vstal a předstíral, že jde močit na dvorek.

Venku pak Exu zapálil slámu, která pokrývala dům.

Zatímco střechu požíraly plameny,

Exu křičel jak šílený, předstíraje, že je nevinný.

Křičel, že mu oheň tráví velké jmění.

Jmění, které měl schované uvnitř skříňky,

kterou odevzdal stráži pána domu.

Všem zvědavcům, kteří přicházeli přitahováni neštěstím,

neúnavně opakoval svoji historku.

Všechno rychle shořelo

a z domu zbyl jen popel.

Kvůli všemu tomu povyku, co nastal,

běžel na to místo dokonce i sám vládce osady.

Exu nepřestával naříkat nad újmou způsobenou plameny,

a protože škodu utrpěl cizinec,

rozhodl místní vládce, že Exuovi smyšlený obnos nahradí.

Ve městě však nebylo tolik peněz,

a tak k vlastní škodě prohlásil Exua od té chvíle králem.

A tak byl Exu prohlášen pánem Ijebu

a všichni se stali jeho poddanými.

Jak Exu dopomohl žebrákovi k bohatství

Byl jednou jeden chudý poutník.

Jednoho dne se poradil s povolanými lidmi

a vykonal, co mu bylo řečeno.

S velkou námahou připravil *ebó*.

Jak Exu viděl všechno to úsilí,

velmi se mu zachtělo tomu muži pomoci.

Jednou, když žebrák a jeden milionář

kráčeli po stejné ulici,

uchystal Exu plán, jak změnit chudákův osud.

Řekl chudákovi, aby se na toho bohatého muže dobře podíval,

neboť to kvůli lidem bohatým

existují lidé chudí.

Řekl, že mu změní život, a navedl ho,

aby si bez přestání tropil z milionáře žerty.

Žebrák měl pěkně nahlas říci,

že tu není nikdo významný,

než on sám, žebrák.

Mezitím Exu našeptával milionáři, řekl:

„Tento typ lidí nesnesu, tyhle chudáky.

Mocí svého jmění to změn, a honem!“

Jelikož se milionář vskutku cítil

být žebrákovou troufalostí dotčen,

rozhodl se mu pomoci, aby ukázal, jak je bohatý.

Boháč se do chudáka zavěsil

a začal se s ním procházet sem a tam,

aby dokázal, že jsou si velmi blízcí.

Všichni to viděli a dospěli ke stejnému závěru.

Pokud mu boháč nabídl rámě, také on je jistě bohatý.

Tak po celém trhu

nabízel každý půjčku na vše, co žebrák chtěl.

Získal tak tolik peněz,

že mohl uzavřít mnoho obchodů

a s každým obchodem mu nabízeli více půjček.

Až zbohatl.

A tak díky Exuově lsti stal se z chudáka boháč.

Jak Exu dostal *ebó* a zachránil nemocného člověka

Byl jednou jeden muž a ten měl mnoho učedníků.

Jednoho dne muž onemocněl

a vyslal své žáky do všech světa stran,

aby našli někoho, kdo by ho dokázal vyléčit.

Připravil *ebó,* jak mu poradili,

přesto ho všichni opustili.

Exu, jenž dostal své *ebó*, mu však řekl:

„Vstaň a pojď se mnou,

budu tě podpírat,

dokud nepřijdeme k tomu, kdo ti z té tíživé situace může pomoci.“

Tak ho Exu přivedl až k Orunmiláovi

a ten se k němu v nejhorší chvíli jeho života neobrátil zády

a uzdravil ho.

Jak Exu pomohl jednomu muži s podfukem

Byl jednou jeden muž, a ten o všem a o všech říkal strašné věci.
Jednoho dne se o tomto jeho zvyku dozvěděl král
a předvolal si ho, aby o tom vypověděl.
Muž před králem nejen že potvrdil
všechno, co neustále říkal,
navíc ještě přidal pěknou troufalost:
kdyby chtěl král vidět, čeho je schopen,
ať dá do dvou jam zasadit sedm pečených sladkých brambor,
za tři týdny brambory vyklíčí a vypučí na nich lístky.
To všechno se má stát před zraky všech.
Každý toužil být svědkem toho zázraku,
i stanovil král datum té výzvy.
Aby se muž z té šlamastyky dostal,
vyhledal věštce, a ten mu poradil, aby připravil *ebó*.
Když byl hotov, přišel Exu a domluvili v oné záležitosti jednotný postup.
Vydali se společně do míst, kde byly zasazeny sladké brambory.
Když už byli odtamtud nedaleko, Exu, který šel vpředu,
odlákal pozornost strážců k věci jaktěživ nikým nespatřené:
opravdu všichni spatřili, jak býci šplhají na střechu chlévu.
Mezitím muž mohl zaměnit pečené sladké brambory,
vyměnil je za brambory naklíčené,
aniž by si kterýkoli strážce všiml toho, co dělá.
Tak to vypadalo, že slib daný králi byl splněn,
neboť strážci dosvědčili, že pečené sladké brambory

vyklíčily samy, bez cizího přičinění.

Pročež byl muž králem i ostatními odměněn

a velmi zbohatl.

Jak se Exu pomstil za nedbale připravené *ebó*

Alumã byl sedlák, který potřeboval déšť,

neboť jeho pole byla suchá

a úroda tak byla v ohrožení.

Alumã připravil *ebó,* aby Exu seslal déšť.

Připravil kousky kozlího masa.

Protože jídlo bylo příliš peprné[103],

dostal Exu strašnou žízeň.

Exu se shánělˇ po vodě, aby ukrutnou žízeň uhasil,

ale vody nebylo, všechno tam bylo suché.

A tak Exu otočil kohoutem s deštěm.

Voda tekla jako nikdy předtím

a lidé i Alumã se radovali.

Úroda byla zachráněna!

Ale pršet nepřestávalo.

O pár dní později Alumã pochopil, že už napršelo dost.

Pršelo až moc a úroda byla v nebezpečí,

vody bylo příliš, hotová povodeň.

A tak Alumã znovu připravil kozlí maso[104] pro Exua,

ale teď už si dal pozor, aby pepře bylo akorát.

Exu *ebó* přijal a déšť zastavil.

Exu je spravedlivý, zpíval Alumã.

[103] Pimenta é uma das iquarias prediletas de Exu.
[104] Bode é uma das comidas preferidas de Exu.

Jak se Exu pomstil a domohl se výsady první pocty

Exu byl nejmladším bratrem Oguma, Odélo[105] a dalších orixů.
Byl tak divoký a vyvolával tolik zmatků,
že se jednoho dne král, který už nemohl jeho škodolibou povahu vystát,
rozhodl, že ho přísně potrestá.
Aby zabránili jeho uvěznění,
poradili mu bratři, aby opustil zemi.
Jenže zatímco byl Exu ve vyhnanství,
jeho bratři byli stále oslavováni a uctíváni.
Na Exua se zapomnělo,
nikdo nevěděl, kde je mu konec.
A tak v mnohých přestrojeních navštěvoval Exu svou zemi
a ve sváteční dny obcházel kolem bran starých svatyní.
Nikdo ho však v jeho přestrojení nepoznával
a žádný pokrm mu nebyl podáván.
I pomstil se on a seslal na království
veškerý neklid, neštěstí a zmatky světa.
Proto se král rozhodl zakázat všechny náboženské činnosti,
dokud příčiny všech těch pohrom nebudou odhaleny.
A tak babalorixové utvořili průvod
a vydali se k babalaôovi, který sídlil u bran města.
Babalaô hodil mušlemi a byl to Exu, kdo promluvil.
V *odu* řekl, že na něj všichni zapomněli.
Že požaduje, aby se mu dostávalo obětí dříve než ostatním
a aby první obřadní písně byly určeny jemu.

[105] Odê é o nome genérico para os deuses da caça; mais conhecido pelo nome de Oxóssi.

Babalaô hodil mušlemi a pravil,

aby Exuovi obětovali kozla a sedm kohoutů.

Babalorixové se babalaôvi vysmáli,

jeho doporučením nevěnovali nejmenší pozornost

a dál tam seděli, zpívali a smáli se mu.

Když pak chtěli babalorixové vstát a odejít

byli všichni přilepení k židlím.

Ano, to byla další Exuova hana!

Babalaô pak každému položil ruku na rameno

a všichni mohli volně vstát.

Řekl jim, aby učinili to, co on sám:

první obět aby dostal Exu, aby byl upokojen.

Již přesvědčení, svatí otcové a matky tak učinili

toho dne a od té doby pokaždé.

Jak Exu všechno snědl a domohl se výsady jíst jako první

Exu byl nejmladší syn Iemanjá a Orunmiláa,

Ogumův, Xangův a Oxóssiho bratr.

Exu snědl, na co přišel,

a jeho hlad byl neovladatelný.

Snědl všechna zvířata ve vesnici, v níž žil,

snědl ta čtyřnohá a snědl i ta opeřená.

Snědl obilí, ovoce, sladké brambory i všechen pepř.

Vypil všechno pivo, všechnu kořalku i všechno víno.

Zhltal všechen kokosový olej a všechna *obi*[106].

Čím víc jedl, tím větší měl Exu hlad.

Nejdřív snědl vše, co měl rád,

pak začal požírat stromy,

pastviny, a už hrozilo, že zhltne i moře.

Rozzuřený Orunmilá pochopil, že Exu nepřestane

a nakonec snad sní i Nebe.

Orunmilá požádal Oguma,

aby svého bratra za každou cenu zarazil.

Aby zachránil zemi, lidi i samotné orixy,

musel Ogum svého vlastního bratra zabít.

Ani smrt však Exuův hlad nezkrotila.

I když byl mrtev,

jeho nezkrotná žravost tu stále byla,

ten jeho nesmírný hlad.

[106] Noz-de-cola.

Pastviny, moře, těch pár zvířat, která zbývala,

veškerou úrodu a nakonec i všechny ryby pohltil.

Lidé už neměli co jíst

a všichni vesničané onemocněli

a jeden po druhém umírali hlady.

Jeden věštec z vesnice prostřednictvím věštby Ifá

vyjevil Orunmiláovi největší možné nebezpečí:

přestože už byl jen duch, dožadoval se Exu jejich pozornosti.

Bylo nezbytné Exuův hlad nasytit.

Exu chtěl jíst.

Orunmilá věštbu uposlechl a nařídil:

„Od této chvíle, aby Exu skončil své běsnění,

pokaždé, když budete přinášet oběti orixům,

musíte mu podat pokrm jako prvnímu.“

Aby mezi lidmi vládl klid a mír,

je třeba Exua nakrmit

jako prvního.

Jak Exu přinesl lidem věštbu Ifá

V dávných dobách trpěli božstva hladem.
Mnohdy i dlouhou dobu
nedostávali dostatek jídla
od svých synů a dcer žijících na Zemi.
Mezi bohy sílila nevraživost
a sváděli mezi sebou nelítostné boje.
Jejich potomci už na ně nemysleli,
i tázali se bohové, co mohou udělat.
Jak budeme lidmi znovu nakrmeni?
Lidé už jim nepřinášeli obětní dary a bohové měli hlad.
Bez božské ochrany padla na Zemi bída
a lidé byli nemocní, nuzní a nešťastní.

Jednoho dne se Exu vydal na cestu, že najde řešení.
I přišel až k Iemanjá, hledaje něco,
co by mohlo nevůli lidí zvrátit.
Iemanjá mu řekla:
„Nezmůžeš nic.
Xapanã už ztrestal lidi nemocemi,
ale oběti mu nepřinesli.“
Pak Iemanjá povídá:
„Exu zabije všechny lidi,
ale oni mu jídla nepřinesou.
Xangô už na ně seslal mnoho blesků a už mnoho lidí zabil,

ale oni si z něho nic nedělají.

Bude tedy lepší, budeš-li hledat jiné řešení.

Lidé se smrti nebojí.

Než abys jim hrozil zabitím,

ukaž jim něco, co by bylo tak dobré,

že by to chtěli mít.

A přáli by si kvůli tomu zůstat naživu.“

Exu se opět vydal na cestu a šel hledat Orungãa[107].

Orungã mu povídá:

„Vím, proč jsi přišel.

Šestnáct bohů hladoví.

Je třeba dát lidem

něco, co by se jim líbilo,

něco, co by je těšilo.

Vím o jedné věci, která to dokáže.

Je to ohromná věc, kterou tvoří šestnáct jader palmy olejné.

Sežeň palmové ořechy a najdi jejich význam.

Pak se ti podaří lidi napravit.“

I vydal se Exu tam, kde rostly palmy,

a podařilo se mu získat od opic šestnáct ořechů.

Exu přemýšlel a přemýšlel, ale nepřicházel

na to, co si s nimi počít.

A tak mu opice řekly:

„Exu, nevíš, co si počít

s těmi šestnácti palmovými ořechy?

[107] Filho de Iemanjá que a teria violentado, dando origem ao nascimento de vários orixás, esquecido no Brasil.

Jdi do světa

a všude se ptej

na význam těch palmových ořechů.

Musíš jít do šestnácti míst, abys zjistil, co znamenají

ty palmové ořechy.

Na každém z těch šestnácti míst šestnáct *odu* shromáždíš.

Shromáždíš šestnáct příběhů, šestnáct proroctví.

Každý příběh v sobě nese moudrost,

radu, která může lidem pomoci.

Sesbírej ta *odu*

a za rok budou tvé znalosti dostačující.

Naučíš se šestnáct krát šestnáct *odu*.

Pak se vrať tam, kde žijí bohové.

Předej lidem své znalosti

a lidé se zase o Exua postarají.“

Exu udělal, co mu bylo řečeno, a vrátil se na Orum, Nebesa, kde žijí bohové.

Exu ukázal bohům *odu*, která se naučil,

a bohové řekli:

„To je znamenité.“

Pak bohové naučili novému vědění

své potomky, lidi.

Ti tak mohli zvědět každý den,

co bohové zamýšlejí a co budoucnost přinese.

Když házeli šestnáct palmových ořechů

a vykládali *odu*, které bylo určeno,

zvěděli o mnohých pohromách,

které měly v budoucnu nastat.

Naučili se obětovat orixům,

aby zažehnali pohromy, které je ohrožovaly.

Znovu začali obětovat zvířata

a jejich maso připravovat bohům.

Orixové byli spokojení a šťastní.

Tak se stalo, že Exu přinesl lidem věštbu Ifá.

Jak se stal Exu nejmilejším přítelem Orunmiláa

Jak vysvětlit velké přátelství mezi Exuem a Orunmiláem,

když oba se v mnohém od sebe tak liší?

Orunmilá, nejstarší Olorunův syn, přinesl lidem

poznání osudu věštěním z mušlí.

Exu se naopak vždy snažil

podněcovat neshody a vády,

jak mezi lidmi, tak mezi orixy.

Orunmilá byl klidný, Exu řádil jako oheň.

S pomocí věšteckých mušlí

odkrýval Orunmilá lidem poselství nejvyššího boha Oloruna

a cesty osudu.

Orunmilá prošlapával lidem cestu,

zatímco Exu jim kladl nástrahy

a vše obracel vzhůru nohama.

Orunmilá představoval osud, Exu pohromu.

I tak byli blízkými přáteli.

Jednou se Orunmilá vydal s několika druhy na cestu.

Muži z jeho družiny neměli s sebou nic,

jen Orunmilá nesl vak a v něm

podložku a kolové ořechy, které mu sloužily při čtění budoucnosti.

Mnozí z jeho doprovodu Orunmiláovi záviděli

a toužili se zmocnit jeho věšteckého vaku.

Předstíraje ochotu, nabídl se jeden z nich,

že Orunmiláovi vak ponese.

Ještě další se k této nabídce připojil,

a tak se přeli, kdo by měl ten vak nést.

Až Orunmilá tu záležitost uzavřel, řka:

„Nejsem unavený. Sám si vak ponesu.“

Když se Orunmilá vrátil domů, přemýšlel o té příhodě

a chtěl vědět, kdo by se zachoval jako opravdový přítel.

I zamyslel se nad tím, jak odhalit falešné přátele.

Vyslal posly se zprávou o své smrti

a schoval se za domem, kde ho nikdo nemohl vidět.

Tam Orunmilá vyčkával.

Za nějakou dobu

přišel jeden z jeho druhů vyjádřit svůj zármutek.

Muž bědoval nad tím, co se stalo,

a říkal, že Orunmilá byl jeho velký přítel

a mnohokrát mu půjčoval peníze.

A ještě řekl, že Orunmilá mu jistě z vděčnosti

přenechal své věštecké pomůcky.

I předstírala Orunmiláova manželka, že tomu věří,

avšak pravila, že vak se ztratil.

A muž roztrpčený odešel.

I další muž přišel s nářkem a lstivě žádal totéž

a taky zklamaný odešel.

A tak každý, kdo přišel, přál si stejnou věc.

Až přišel Exu.

I on hluboce naříkal nad smrtí předpokládaného přítele,

ale řekl, že největší bolest pocítí ona,

že už nebude mít pro koho vařit.

Přitakala a zeptala se, jestli mu Orunmilá nezůstal něco dlužen.

Exu odvětil, že ne.

Žena dál naléhala a ptala se, jestli Exu nechce Orunmiláovo věštecké náčiní.

A Exu znovu, že ne.

Tu do místnosti vstoupil Orunmilá a pravil:

„Exu, ty jsi můj skutečný přítel!“

Od té doby nebylo bližších přátel,

bližších než Exua a Orunmiláa.

Jak Exu dostal Orunmiláa do nebezpečí a pak ho zachránil

Orunmilá se rozhodl podniknout cestu do Ouô.

Poradil se se svými šestnácti věšteckými oříšky,

aby o cestě něco zvěděl.

Avšak pravda se nevyjevila jednoznačně.

Protože Orunmilá cítil nutkání do Ouô jít,

nechal prorocké oříšky stranou a šel.

Do Ouô to bylo daleko.

Prvý den cesty potkal Orunmilá svého přítele Exua,

který se právě vracel z Ouô.

Pozdravili se a šli dál.

Druhý den potkal Orunmilá Exua znovu,

přicházel z opačného směru.

Exu potvrdil, že se vrací z Ouô a Orunmilá byl popuzen:

„Jak je možné, že se dvě osoby, které jdou opačným směrem,

potkají dvakrát na téže cestě?“

Třetí den Orunmilá opět potkal Exua.

Orunmilá byl zmatený a už toužil být v Ouô.

Proto neposečkal a se svými věšteckými oříšky se neporadil.

Čtvrtý den, když už byl Orunmilá od Ouô nedaleko,

položil Exu čerstvé kolové ořechy na kraj cesty a zanechal je tam.

Exu šel dál a znovu Orunmiláa pozdravil.

Orunmilá řekl:

„Exu, příteli můj, opět přicházíš z Ouô? “

Exu odvětil:

„Mají přátelé jeden o druhém pochybovat? Co je, to je.“

Orunmilá nabyl o situaci jistých pochyb.

Ale protože už byl skoro v Ouô,

nepovažoval za nutné se s věšteckými oříšky poradit.

Pokračoval v cestě a narazil na kolové ořechy, které tam zanechal Exu.

Protože ho cesta znavila, kolové ořechy sebral

a pustil se do nich, aby se osvěžil.

V tu chvíli se objevil jeden farmář z Ouô.

V ruce svíral velký nůž

a Orunmiláa obvinil, že pojídá kolové ořechy z jeho stromu.

Ten se bránil, že žádný strom neviděl.

Ale farmář Orunmiláovu omluvu nepřijal.

A ti dva se do sebe pustili.

Ve rvačce poranil farmář svým velkým nožem Orunmiláa na dlani.

Orunmilá si sedl na kraj cesty a přemýšlel:

přestože je nevinný,

stoupenci z Ouô ho obviní, že je tím zlodějem kolových ořechů.

Nastala noc. Orunmilá dřímal na zemi.

Exu, který to všechno pozoroval,

se vypravil do města a zatímco všichni spali,

poranil nožem na ruce všechny místní obyvatele,

dokonce i krále a také toho farmáře.

Pátého dne se Orunmilá probudil a vydal se na cestu do Ouô.

Při vstupu do města potkal Exua.

Exu ho pozdravil, ale Orunmilá byl zakřiknutý.

Orunmilá věděl, že jeho problémy způsobil Exu.

Ale Exu ho povzbudil:

„Orunmilá, neváhej. Vejdi do města.

Nastanou-li problémy, promluvím za tebe.

V Ouô se ti nestane bezpráví.“

Orunmilá a Exu vešli společně do Ouô.

Farmář se vydal ke králi, aby Orunmiláa obvinil,

řekl, že ten, kdo mu ukradl kolové ořechy, právě přichází do města.

Král si dal Orunmiláa předvést.

Ještě jednou přednesl farmář svoji stížnost

a vylíčil bitku o kolové ořechy.

Tu Exu promluvil za Orunmiláa,

zeptal se farmáře, jak zloděje odhalí.

Farmář popsal bitku a řekl,

že zranění na dlani Orunmiláovy ruky bude tím důkazem.

Exu na Orunmiláovu obranu požádal,

aby také všichni obyvatelé města rozevřeli ruce.

Král souhlasil.

Orunmilá i všichni ostatní rozevřeli ruce.

I ukázalo se, že všichni mají stejné poranění,

dokonce i král a farmář.

Exu řekl:

„Je-li pouhý šrám důkazem viny,

pak všichni v Ouô jsou viníci.“

Král uznal, že Orunmilá je nevinný,

a nařídil, aby byl za falešné obvinění odškodněn.

Lidé z Ouô přinesli Orunmiláovi dary všeho druhu.

Mnohé jsou Exuovy úklady.

Může se zasadit proti.

Může se zasadit pro.

Exu činí, co činí, je, jaký je.

Jak se stal Exu pánem rozcestí

Exu neměl nic, neměl peněz, neměl řeku,

nic nedělal, nic neuměl, ba ani neměl žádné poslání.

Exu se toulal bezdětně po světě.

Jednoho dne tak přišel do Oxalova domu.

A chodíval tam každý den.

Exua bavilo

pozorovat, jak stařec vyrábí lidské bytosti.

Také mnoho a mnoho dalších přicházelo do Oxalova domu,

ale zůstávali jen krátce,

týden, dva, a nic se nenaučili.

Přinášeli obětní dary, dívali se na starého orixu,

chválili jeho dílo a odcházeli.

Exu zůstal v Oxalově domě šestnáct let.

Při modelování lidí si Exu všímal každého úkonu

a naučil se, jak Oxalá vyrábí

ruce, nohy, ústa, oči a penis mužům,

ruce, nohy, ústa, oči a vagínu ženám.

Šestnáct let pomáhal starému orixovi.

Exu se neptal.

Exu se díval.

Exu si všímal.

Exu se všemu naučil.

Jednoho dne řekl Oxalá Exuovi, ať si stoupne na rozcestí,

kudy projde každý, kdo přichází do jeho domu.

Ať tam stojí a nenechá projít nikoho, kdo by

Oxalovi nepřinášel žádný dar.

Lidí, které měl Oxalá zhotovit, bylo čím dál víc.

Oxalá nechtěl ztrácet čas

přijímáním darů, které mu všichni předkládali.

Ba ani neměl na příchozí čas.

Exu se všemu naučil a nyní mohl Oxaláovi pomoci.

Exu vybíral *ebós* za Oxaláa.

Exu přijímal dary a předával je Oxaláovi.

Exu dělal svoji práci dobře.

I rozhodl se Oxalá, že se mu za to odmění.

A tak každý, kdo přijde do Oxaláova domu,

musí něco přinést také Exuovi.

Každý, kdo z Oxaláova domu odchází,

musí Exua obdarovat znovu.

Exu byl stále na svém místě

a hlídal Oxalářův dům.

Vyzbrojen mocným obuškem *ogó*

zaháněl nevítané

a trestal každého, kdo by se pokusil oklamat jeho bdělost.

Exu pracoval úporně a postavil si tam svůj dům,

tam na rozcestí.

Získal výnosnou živnost, získal své místo, svůj domov.

Získal bohatství a moc.

Už nikdo nemůže projít přes rozcestí,

aniž by Exua něčím neobdaroval.

Jak se Exu zapletl se slovy

Na počátku věků se všechno utvářelo.

Pomalu se organizovat způsob života na Zemi,

ale mnohé zbývalo udělat.

Pokaždé, když Orunmilá přicházel z Orumu podívat se na věci Aiê,

orixové, lidé i zvířata ho zahrnovali otázkami.

Nebylo ještě rozhodnuto, kde bude mít který tvor své místo,

a tento úkol si vzal na starost Orunmilá.

Exu navrhl, aby se problémy řešily spořádaně.

Poradil Orunmiláovi, aby každému orixovi,

člověku i lesní havěti položil jednoduchou otázku,

na níž mu budou muset dát jednoznačnou odpověď.

Jedinečná povaha odpovědi každého určí

jeho osud a způsob jeho žití.

Orunmilá Exuův návrh přijal.

A tak podle odpovědí, které tvorové dávali,

přiděloval jim Orunmilá jistý způsob života, jisté poslání.

Mezitím co se tak dělo, nezbeda Exu

přemýšlel, jak by mohl Orunmiláa poplést.

Orunmilá se zeptal jednoho z lidí:

„Chceš žít uvnitř nebo venku?“

„Uvnitř“, odpověděl člověk.

A Orunmilá stanovil, že od té chvíle

budou žít všichni lidé v domech.

Tu se Orunmilá obrátil na Exua:

„Co ty Exu? Uvnitř nebo venku?“

Exua náhlá otázka vylekala,

právě totiž přemýšlel,

jak by Orunmiláa doběhl.

Hbitě však odpověděl: „Holenku! Jasně, že venku!“

Ale hned se opravil: „Ne, naopak, uvnitř.“

Orunmilá pochopil, že Exu chce vyvolat zmatek.

I řekl, že se zachová podle Exuovy první odpovědi.

Řekl:

„Od této chvíle budeš žít venku, nikoli uvnitř domu.“

A tak se také stalo.

Exu žije pod širým nebem, na rozcestí,

na cestách, či v polích.

Na rozdíl od zpodobnění ostatních orixů,

která mají své místo uvnitř domů a chrámů,

kdykoli lidé zpodobňují Exua,

je jeho místo venku.

Jak ani Exu nedokázal přemoci smrt

Jen jedna bytost nebála se Exua, byla to Icu, Smrt.

Icu se doneslo, jaké to příšerné kousky Exu lidem provádí,

i tázala se, proč za to nikdo Exua nepotrestá.

Všichni říkali, že není nikoho, kdo by měl dostatek odvahy

postavit se Icu tváří v tvář.

I řekla Icu, že to ona se má s Exuem utkat

a vzkázala, že Exua vyzývá na souboj.

Na to Exu odpověděl:

„Icu se nebojím. Výzvu přijímám."

Pak šel Exu za svým přítelem Orunmiláem a zpravil ho o chystaném boji.

I zeptal se Orunmilá:

„Kdo může soupeřit se Smrtí?"

Exu ostře odvětil:

„Kdo může soupeřit s Exuem?"

I požádal Exu Orunmiláa, aby zápas dojednal.

Nastal den souboje.

Ze všech stran přicházeli lidé, každý chtěl být svědkem toho souboje

a město se zaplnilo diváky.

Aby Exu Icu vydrážděl, spustil svůj válečný křik.

Icu, svírajíc v rukách meč a štít, postupovala k Exuovi

a provokovala jej zpěvem.

Boj začal.

Exu mlátil vší silou svým obuškem sem a tam,

jenže Icu byla rychlá a hbitá,

chytla Exua,

hodila ho na zem a obušek mu z ruky vytrhla.

Už už se jím chystala Exua udeřit,

když tu dav začal bouřit na poplach,

přiběhl Orunmilá, do potyčky se vložil,

vytrhl Icu obušek z ruky a ušetřil přítele jisté záhuby.

A tak jen díky Orunmiláově záštitě Exu nakonec nezemřel.

Od té doby lidé říkají:

„Nikdo nemůže zabít Smrt.

Nikdo nemůže porazit Icu.“

A zrodilo se candomblé...

Na počátku nebylo trhliny mezi

Orumem, Nebesy, kde žijí orixové,

a Aiê, Zemí, kde žijí lidé.

Lidé i božstva chodili sem a tam,

pospolu bydleli a život a dobrodružství sdíleli.

Vypráví se, že když ještě Orum sousedil s Aiê,

dotkl se jeden člověk Orumu svýma špinavýma rukama.

Orixovo neposkvrněné nebe bylo pošpiněno.

Neposkvrněná Obataláova bělost byla ta tam.

Oxalá si šel stěžovat Olorumovi.

Olorum, pán Nebes, nejvyšší bůh,

byl špínou, plýtváním a nedbalostí smrtelníků rozzloben,

vzteky zadul svým božským dechem

a Nebesa od Země navždy oddělil.

Tak byl Orum od světa lidí oddělen

a žádný člověk nemuže jít na Orum a vrátit se odtamtud živý.

Ani orixové nemohou přicházet na Zemi ve svých tělech.

Svět lidí a svět orixů byl teď oddělen.

Poté, co byla odloučena od lidí obývajících Aiê

božstva posmutněla.

Orixům se po jejich příhodách mezi lidmi stýskalo

a byli smutní a rozmrzelí.

Šli si postěžovat Olodumareovi, který nakonec dovolil,

aby se mohli orixové tu a tam vrátit zpět na Zemi.

K tomu nicméně

budou muset přijmout hmotné tělo svých věřících.

To byla podmínka, kterou Olodumare stanovil.

Oxum, která dřívě ráda chodívala na Zemi dovádět s žemani,

dělit se s nimi o svoji krásu a marnivost,

učit je tajům podmanivého svádění a neodolatelného půvabu,

dostala od Oloruma nový úkol:

připravit smrtelníky, aby přijali orixy ve svých tělech.

Oxum připravila dar Exuovi, aby její delikátní misi posvětil.

Na jejím úspěchu závisela radost orixů, jejích sourozenců a přátel.

Sestoupila na Aiê a shromáždila ženy kolem sebe,

omyla jejich těla vzácnými bylinami,

ostříhala jejich vlasy, oholila jejich hlavy,

pomalovala jejich těla.

Pomalovala jejich hlavy bílými tečkami,

jako peří perličky kropenaté.[108]

Oblékla je do nejkrásnějších látek a nařasených stuh,

ozdobila je klenoty a korunami.

Ori, hlavu, navíc okrášlila pírkem *ecodidé*[109],

tajemným a vzácným červeným perem papouška šedého.

Do rukou jim dala *abebés*[110], meče, žezla,

[108] Durante a iniciação, os noviços são submetidos aos ritos de purificação com ervas respetivas do orixá ao qual são consagrados. Em uma das fases da iniciação as suas cabeças são rasparas e é feito um buraco no alto do crânio pelo qual, como se acredita, os orixás entram nos corpos dos devotos, os seus corpos e as suas cabeças são pintados com pintinhas brancas.
As breves notas sobre o ritual da iniciação encontram-se no nosso trabalho de bacharelato de 2004. Uma descrição mais ampla encontra-se em: Verger, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Corrupio, Salvador 2002.

[109] *Ecodidé* é símbolo do nascimento do novo filho-de-santo; de um modo geral, simboliza fecundidade.

[110] *Abebé* é um leque de forma circular, atributo das deusas Oxum e Iemanjá.

a na zápěstí tucty zlatavých *indés*[111].

Na krk jim zavěsila pěknou várku barevných korálků

a mnoho náhrdelníků z mušlí, keramiky a korálů.

Na hlavu položila kužel z másla *ori*[112],

vybrané byliny a požvýkané *obi*[113],

a všechno koření, které mají orixové rádi.

Toto *oxo*[114] přivábí orixy k *ori* zasvěcené dcery a

orixá se tak při svém návratu na Aiê nebude moci zmýlit.

Konečně byly malé manželky hotovy,

byly připraveny a byly *odara*[115].

Iaôs[116] byly ty nejkrásnější nevěsty,

které si Oxumina marnivost dokázala představit.

Byly připraveny pro božstva.

Nyní měli orixové své koně,

i mohli se vrátit bezpečně na Aiê,

mohli osedlat těla svých věřících.

Lidé připravovali orixům obětní dary

a zvali je na Zemi do těl *iaôs*.

Tak orixové přicházeli a vsedali na své koně.

A zatímco lidé hráli na bubny,

---

111 *Indés* são pulseiras, ou metal amarelho.

112 O termo *ori* temvários sentidos, neste caso trata-se de uma mantega vegetal, limo-da-costa. *Ori* também significa cabeça ou destino.

113 *Obi* é fruto de palmeira africana Cola acuminata aclimatada no Brasil. Serve de oferenda aos orixás; cortado em pedaços é usado nas práticas divinatórias simples.

114 *Oxo*, nome do cone feito de *obi* mascado, ori e outros elementos, que é fixado no alto da cabeça raspada do iniciado, indica que ele está pronto para receber o orixá no transe.

115 *Odara* significa bom, bonito em iorubá.

116 *Iaô*, esposa mais jovem, literalmente; termo que designa o noviço após a fase ritual de reclução iniciciática.

rozeznívali *batás*[117] a *agogôs*[118], zvučeli s *xequerês*[119] a *adjás*[120],

zatímco lidé zpívali a provolávali slávu a tleskali,

a zvali všechny vyvolené do kola *xirê*[121],

orixové tančili a tančili a tančili.

Orixové mohli znovu soužít se smrtelníky.

Orixové byli šťastní.

V kole se zasvěcenými, v tělech *iaô*,

tančili a tančili a tančili.

Zrodilo se candomblé.

[117] *Batá* é um tambor; na África trata-se do tambor de Xangô.
[118] *Agogô* é um instrumento musical composto de dois sininhos desiguais, geralmente de ferro, percutido por uma varinha igualmente de metal.
[119] *Xequerê* é um chocalho feito com cabaça coberta por uma rede de contas.
[120] *Adjá* é mais um dos instrumentos rituais; uma campainha metálica
[121] *Xirê* designa uma festa pública do candomblé; ordem em que são cantados os cânticos para os orixás.

6. Conclusão

No nosso trabalho de bacharelato fizemos uma breve introdução ao candomblé brasileiro. Aproximamos o seu universo, olhamos para as suas raízes e as circunstâncias da sua formação, referimos das suas divindades, dos seus preceitos, das suas cerimônias, etc., ou seja, tentamos aproximar a sua compreensão do mundo.

Hoje em dia, existem obras numerosas que se dedicam ao fenómeno do candomblé, assim como ao da religião iorubá, trantando-os de vários pontos de vista. Com base de vasto material que estudamos, e de próprias experiências que tomamos durante as nossas visitas a um terreiro durante as nossas estadias no Brasil, penetramos mais profundamente no mundo do candomblé e ficamos encantados por seu património mítológico em que podemos encontrar justificações da sua concepção religiosa e da sua visão do cosmo. Tornou-se o alvo do nosso interesse aproximar esse acervo mitológico ao leitor tcheco.

Para percebermos bem o fundo do candomblé brasileiro, tivemos que conhecer primeiro a tradição matriz, a tradição religiosa dos iorubás africanos, a sua cosmovisão e a sua mitologia.

Como vimos, a tradição iorubá manda que a divindade chamada Exu sempre deve ser homenageada em primeiro lugar. Obedecidos a ela, decidimos dedicar-nos, neste trabalho, a Exu. Tentamos olhar para a sua personalidade mais integramente, tratando dos vários aspetos da sua personalidade múltipla e justificando a sua posição dentro da concepção religiosa dos iorubás e do candomblé.

O contributo principal deste trabalho vemos, porém, na tradução tcheca, de primazia, de um conjunto de mitos de Exu. Através dela, pretendemos entreabrir, ao leitor tcheco, uma das memórias sagradas do mundo, ou seja, um dos patrimónios míticos muito antigos.

Compreender Exu é entender a filosofia iorubá e a sua noção de mundo. É a procura constante do equilíbrio entre os homens e entre os diversos domínios da natureza e da existência cósmica e humana, que a define. A revolta representada por Exu faz parte indissolúvel desta procura. Exu introduz desordem para restabelecer a harmonia rompida, é o elemento dinâmico e dialético que assegura a continuidade do cosmo.

Bibliografia:

A Dictionary of the Yoruba Language, Oxford University Press, Oxford 1977.

AMARAL, Rita: *Xirê! O modo de crer e viver no candomblé*, EDUC, São Paulo 2002.

As religiões tradicionais e sincréticas da África, Edições Progresso, Moscovo 1987.

BASTIDE, Roger: *As religiões africanas no Brasil*, Editora Pioneira, São Paulo 1975.

BASTIDE, Roger: *Bahijské kandomble*, Nakladatelství Argo, Praha 2003.

BRAGA, Júlio: *Fuxico de candomblé. Estudos afro-brasileiros*, Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

BRAGA, Júlio: *O jogo de búzios. Um estudo da adivinhação no candomblé*, Editora Brasiliense, São Paulo 1988.

CARNEIRO, Edison: *Candomblés da Bahia*, Editora Brasileira de Ouro, Salvador, s/d.

CARYBÉ: *Iconografia dos deuses africanos no candomblé da Bahia*, Editora Raízes, São Paulo 1980.

ELIADE, Mircea: *Posvátné a profánní*, Česká křesťanská akademie, Praha 1994.

EPEGA, Afolabi A.; Neimark, Philip John: *The Sacred Ifa Oracle*, HarperCollins Publishers, New York 1995.

KAČEROVSKÁ, Zuzana: *Breve introdução ao candomblé brasileiro*, Brno 2004. Bakalářská práce. Masarykova Univerzita, Ústav románských jazyků a literatur. Vedoucí práce: Mgr. Zuzana Burianová.

KLÍMA, Jan: *Dějiny Brazílie*, Nakladatelství Lidoví Noviny, Praha 1998.

LAWSON, tromas E.: *Náboženství Afriky. Tradice v proměnách*, Nakladatelství Prostor, Praha 1998.

LIGIÉRO, Zeca: *Iniciação ao candomblé*, Editora Record, Rio de Janeiro 1993.

LODY, Raul: *Candomblé. Religião e resistência cultural*, Editora Ática, São Paulo 1987.

PARRINDER, Geoffrey: *África*, Editorial Verbo, São Paulo 1987.

PRANDI, Reginaldo: *Herdeiras do axé. Sociologia das religiões afro-brasileiras*, Editora Hucitec, São Paulo 1996.

PRANDI, Reginaldo: *Mitologia dos orixás*, Companhia das Letras, São paulo 2001.

RIBEIRO, José: *Candomblé no Brasil*, Editora Espiritualista, Rio de Janeiro.

ROCHA, Agenor Miranda: *Caminhos de odu*, Editora Pallas, Rio de Janeiro 2001.

SILVA, Vagner Gonçalves da: *Candomblé e umbanda. Caminhos da Devoção Brasileira*, Edições Selo Negro, São Paulo 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da: *Orixás da metrópole*, Editora Vozes, Petrópolis 1995.

STINGL, Miroslav: *Černí bohové Ameriky*, Nakladatelství Svoboda, Praha 1992.

TRINDADE, Liana M. Salvia: *Exu: Poder e magia*, em *Olóòrìsà. Escritos sobre a religião dos orixás*, Editora Ágora, São Paulo 1981.

VERGER, Pierre Fatumbi: *Dieux* d'Afrique, Paul Hartmann Editeur, Paris 1954.

VERGER, Pierre Fatumbi: *Lendas africanas dos orixás*, Editora Corrupio, São Paulo 1992.

VERGER, Pierre Fatumbi: *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*, Editora Corrupio, Salvador 2002.

VOTRUBEC, Ctibor: *Afrika*, SPN, Praha 1975.

WILLIS, Roy: *Mytologie světa*, Nakladatelství Slovart, Praha 1997.

htpp://fflch.usp.br/sociologia/prandi (texto de PRANDI, Reginaldo: *Os orixás e a natureza*, USP, São Paulo, s/d.)

Apêndice I:

De onde vêm as traduções

Exu leva dois amigos a uma luta de morte

Dois camponeses amigos puseram-se bem cedo

a trabalhar em suas roças,

mas um e outro deixaram de louvar Exu.

Exu, que sempre lhes havia dado chuva e boas colheitas!

Exu ficou furioso.

Usando um boné pontudo,

de um lado branco e do outro vermelho,

Exu caminhou na divisa das roças,

tendo um à sua direita

e o outro à sua esquerda.

Passou entre os dois amigos

e os cumprimentou enfaticamente.

Os camponeses entreolharam-se. Quem era o desconhecido?

“Quem é o estrangeiro de barrete branco?”, perguntou um.

“Quem é o desconhecido de barrete vermelho?, questionou o outro.

”O barrete era branco, branco“, frisou um.

”Não, o barrete era vermelho“, garantiu o outro.

Branco. Vermelho. Branco. Vermelho.

Para um, o desconhecido usava um boné branco,

para o outro, um boné vermelho.

Começaram a discutir sobre a cor do barrete.

Branco.

Vermelho.

Branco.

Vermelho.

Terminaram brigando a golpes de enxada,

mataram-se mutuamente.

Exu cantava e dançava.

Exu estava vingado.

Exu promove uma guerra em família

Um rei e sua família deixaram de prestar
as homenagens devidas a Exu.
Exu não se deu por vencido.
Haveriam de pagar bem caro pela ofensa!
Exu procurou a rainha,
que vivia enciumada porque o rei
s se interessava pela esposa mais nova.
Disse-lhe que faria um feitiço
para ela voltar a ter a preferência do marido.
Deu a ela uma faca e disse que cortasse
um fio de barba do rei
para fazer o tal trabalho.
Exu foi à casa do príncipe herdeiro e disse
que o pai queria vê-lo aquela noite;
que fosse ao palácio e levasse seus guerreiros.
Exu foi ao rei e disse que tomasse cuidado,
porque a rainha planejava matá-lo aquela noite.

O rei se recolheu aquela noite,
mas ficou acordado, esperando.
Viu então a rainha entrar no quarto
e dele se aproximar com a faca na mão.
Imaginou que ela pretendia matá-lo
e engalfinhou-se com ela numa luta feroz.

O príncipe, que chegava ao palácio com seus homens,

ouviu o barulho e correu à câmara real com os soldados.

Viu o rei com a faca na mão,

faca que tirara da rainha na luta,

e pensou que o rei ia matar a rainha sua mãe.

Invadiu o quarto com os soldados.

Seguiu-se grande mortandade.

O preço fora pago, e alto.

Exu cantava.

Exu dançava.

Exu estava vingado.

Exu provoca a ruína da vendedora do mercado

Abionã vendia roupas no mercado.
Era uma mulher próspera e respeitada.
Todos cumprimentavam Abionã solenemente
quando ela ia ao mercado fazer o seu comércio.
Mas havia muito Abionã se esquecera de Exu;
nada de ebós, de suas comidas prediletas,
nada de aguardente, pimenta e dendê.
Ela não se lembrava que Exu lhe dera tudo.
Exu dera tudo o que tinha.

Um dia estava no mercado vendendo
quando avisaram que sua casa estava em chamas.
Ela abandonou sua banca no mercado
e correu em desespero para casa.
Nada mais o que fazer. Era tudo cinzas.
Abionã, desconsolada, voltou à feira,
mas nada de seu lá encontrou.
Nada mais o que fazer. Tudo roubado.
Ela gritou e chorou
e todos se riram de Abionã.
Abionã não era mais rica
nem era a mulher respeitada do mercado.
Todos faziam pouco caso dela.
Exu estava vingado.

Exu tenta trocar a morada dos deuses

No princípio, Olocum, Orum e Oxu tinham
cada um seu próprio domicílio.
Olocum, o deus-mar, morava nos oceanos e nos rios,
onde mora a água.
Oxu, o deus-lua, tinha o costume de deixar sua casa
para vagar pelo céu,
às vezes numa direção, às vezes noutra,
cada semana num horário diferente.
Orum, o deus-sol, levantava-se cada manhã
por sobre a sua casa e para ela retornava-se só à noite.
Um dia, Exu foi até Olocum e lhe disse:
"Tua casa não é boa, vem comigo
que eu vou te mostrar algo melhor".
Exu foi ter com Orum e com Oxu e lhes disse o mesmo.
Todos responderam:
"Muito bem, mostra-me isso".
Exu, então, levou Olocum à casa de Oxu,
Orum à casa de Olocum
e Oxu à casa de Orum.
Trocou todos de lugar.
Oxalá era o grande senhor dos deuses.
De onde ele vivia,
podia ver todos os dias passar Orum
e todas as noites Oxu.

No dia seguinte, Oxalá viu Oxu passar

e perguntou-lhe:

“O que está acontecendo,

agora andas durante o dia?”.

Oxu respondeu:

“Foi Exu quem me disse que deveria viver assim”.

Oxalá ordenou que Oxu voltasse

ao lugar onde ele a havia colocado.

Quando anoiteceu, Oxalá viu passar Orum

e em seguida Olocum.

Ao perguntar-lhes o que acontecia,

recebeu de Orum e Olocum a mesma resposta de Oxu.

Oxalá então ordenou que eles retornassem a seus lugares

e fizessem o trabalho que ele havia determinado.

Exu, pela segunda vez,

fez com que os três trocassem de morada,

ameaçando-os de morte.

Oxalá novamente percebeu a troca

e enviou Xapanã para castigar Exu.

Orum ajudou Xapanã a castigar Exu.

Quando Exu abriu os olhos,

Orum o cegou com sua luz solar,

enquanto Xapanã o surrava com seu feixe de varas.

O corpo de Exu ficou todo ferido.

Exu, então, foi se banhar no rio.

Para livrar-se de seus males, passou-os adiante.

Ao entrar na água, proferiu a maldição:

“Todas as feridas

que Xapanã provocou em meu corpo

passarão através da água para os homens

que se banharem nela.

Queimarão a todos como fogo.

Quem se banhar nas águas

onde Exu lavou as chagas de Xapanã

terá varíola e cicatrizes de varíola”.

Desse modo a tentativa de Exu

de inverter o mundo atingiu também os homens

e permaneceu viva entre eles.

Exu instaura o conflito entre Iemanjá, Oiá e Oxum

Um dia, foram juntas ao mercado

Oiá e Oxum, esposas de Xangô, e Iemanjá, esposa de Ogum.

Exu entrou no mercado conduzindo uma cabra.

Ele viu que tudo estava em paz e decidiu plantar uma discórdia.

Aproximou-se de Iemanjá, Oiá e Oxum

e disse que tinha um compromisso importante com Orunmilá.

Ele deixaria a cidade e pediu a elas

que vendessem sua cabra por vinte búzios.

Propôs que ficassem com a metade do lucro obtido.

Iemnajá, Oiá e Oxum concordaram e Exu partiu.

A cabra foi vendida por vinte búzios.

Iemanjá, Oiá e Oxum puseram os dez búzios de Exu à parte.

E começaram a dividir os dez búzios que lhes cabiam.

Iemanjá contou os búzios.

Havia três búzios para cada uma delas, mas sobraria um.

Não era possível dividir os dez em três partes iguais.

Da mesma forma Oiá e Oxum tentaram

e não conseguiram dividir os búzios por igual.

Aí as três começaram a discutir

sobre quem ficaria com a maior parte.

Iemanjá disse:

"É costume que os mais velhos fiquem com a maior porção.

Portanto, eu pegarei um búzio a mais".

Oxum rejeitou a proposta de Iemanjá,

afirmando que o costume era que os mais novos

ficassem com a maior porção,

que por isso lhe cabia.

Oiá intercedeu, dizendo que, em caso de contenda semelhante,

a parte maior cabia à do meio.

As três não conseguiram resolver a discussão.

Então elas chamaram um homem do mercado para dividir

os búzios eqüitativamente entre elas.

Ele pegou os búzios e colocou-os em três montes iguais.

E sugeriu que o décimo búzio fosse dado à mais velha.

Mas Oiá e Oxum, que eram a segunda mais velha e a mais nova,

rejeitaram o conselho.

Elas se recusaram a dar a Iemanjá a maior parte.

Pediram a outra pessoa que dividisse eqüitativamente os búzios.

Ele os contou, mas não pôde dividi-los por igual.

Propôs que a parte maior fosse dada a mais nova.

Iemanjá e Oiá não concordaram.

Ainda um outro homem foi solicitado a fazer a divisão.

Ele contou os búzios, fez três montes de três

e pôs o búzio a mais de lado.

Ele afirmou que, neste caso, o búzio extra deveria ser dado

àquela que não é nem a mais nova, nem a mais velha.

O búzio devia ser dado a Oiá.

Mas Iemanjá e Oxum rejeitaram seu conselho.

Elas se recusaram a dar o búzio extra a Oiá.

Não havia meio de resolver a divisão.

Exu voltou ao mercado para ver como estava a discussão.

Ele disse: “Onde está minha porção?”.

Elas deram a ele dez búzios e lhe pediram para dividir

os dez búzios delas de modo eqüitativo.

Exu deu três a Iemanjá, três a Oiá e três a Oxum.

O décimo búzio ele segurou.

Colocou-o num buraco no chão e cobriu com terra.

Exu disse que o búzio extra era para os antepassados,

conforme o costume que se seguia no Orum.

Toda vez que alguém recebe algo de bom,

deve se lembrar dos antepassados.

Dá-se uma parte das colheitas, dos banquetes

e dos sacrifícios aos orixás, aos antepassados.

Assim também com o dinheiro.

Este é o jeito como é feito no Céu.

Assim também na Terra deve ser.

Quando qualquer coisa vem para alguém,

deve-se dividi-la com os antepassados.

“Lembrai que não deve haver disputa pelos búzios.”

Iemanjá, Oiá e Oxum reconheceram que Exu estava certo.

E concordaram em aceitar três búzios cada.

Todos os que souberam do ocorrido no mercado de Oió

passaram a ser mais cuidadosos com relação aos antepassados,

a eles destinando sempre uma parte importante do que ganham

com os frutos do trabalho e com os presentes da fortuna.

Exu põe fogo na casa e vira rei

Um dia mandaram Exu preparar um *ebó*
para conseguir fazer fortuna bem depressa.
Exu, depois de ter feito o *ebó,*
foi para a cidade de Ijebu.
Em vez de se hospedar no palácio do chefe local,
como pedia a tradição,
Exu ficou na casa de um homem de importante posição oficial.
De madrugada, quando todos dormiam,
Exu levantou-se devagarinho e fingiu que ia urinar no quintal.
Lá fora, Exu pôs fogo nas palhas que cobriam a casa.
Enquanto o telhado pegava fogo,
Exu gritava como louco, se fazendo de inocente.
Gritava que estava perdendo grande fortuna no incêndio.
Fortuna que havia guardado dentro de uma talha
que entregara à guarda do dono da casa.
Para os muitos curiosos que chegavam atraídos pelo sinistro
ele repetia sem cessar a sua história.
Rapidamente tudo se queimou,
da casa só sobrando cinzas.
E assim, com toda a confusão que houve,
até o chefe da aldeia correu para o local.
Exu continuava clamando por causa do dano do incêndio.
Como se tratava de prejuízo a um estrangeiro,
o chefe local resolveu pagar o suposto valor que Exu perdera.

Mas não havia na aldeia dineiro suficiente

e então, para compensá-lo pelas perdas,

o rei, em detrimento de si mesmo, proclamou Exu rei dali em diante.

Assim Exu foi feito o dono de Ijebu

e todos tornaram-se seus súditos.

Exu ajuda um mendigo a enriquecer

Era uma vez um homem pobre e peregrino.
Um dia, ele consultou gente competente
e fez como lhe fora dito.
Preparou um ebó com muita dificuldade.
Exu, então, vendo todo aquele esforço,
quis muito ajudar aquele homem.
Uma vez, quando o mendingo e um milionário
caminhavam pela mesma rua,
Exu preparou a estratégia para mudar a sorte do pobre.
Disse ao pobre que olhasse bem para aquele homem rico,
pois era por causa dos homens ricos
que existiam os homens pobres.
Disse que ia mudar a sua vida e o instruiu
a ridicularizar sem parar o milionário.
Em vz bem alta devia o mendingo dizer
que ali não havia ninguém importante,
senão ele mesmo, o mendingo.
Enquanto isso, Exu instigava o milionário, dizendo:
„Não tolero esse tipo de gente, esses pobres.
Muda-o com a força da tua fortuna, vamos!“
Como o milionário se sentisse, de fato
ofendido com a petulância do pobre,
resolveu ajudá-lo para mostrar quão rico era.
O rico tomou o pobre pelo braço

e pôs-se a passear jinto com ele aqui e ali,

demonstrando terem a maior intimidade.

Todos viram aquilo e tiraram a mesma conclusão.

Se o rico lhe dava o braço, rico tamb0m seria ele.

Assim, em todo o comércio,

todos ofereceram crédito para tudo o que mendingo quisesse.

Tento assim tanto crédito,

pôde ele fazer muitos negócios

e com cada negócio mais crédito lhe era oferecido.

Até que enriqueceu.

Assim o pobre ficou rico graças à artimanha de Exu.

Exu recebe *ebó* e salva um homem doente

Havia um homem que tinha muitos discípulos.
Um dia, quando esse homem adoeceu,
mandou seu discípulos a todas as partes do mundo
em busca de quem pudesse curá-lo.
Mas, mesmo tendo ele feito o *ebó* como lhe indicaram,
todos o abandonaram.
Exu, porém, que recebera o *ebó*, disse-lhe:
„Levanta-te e segue adiante de mim,
que vou te escorando por detrás,
até chegar aos pés de quem possa te salvar nesta emergência“.
E assim Exu o ajudou a chegar até Orunmilá,
que não o desprezou no pior momento se sua vida
e o curou.

Exu ajuda um homem a trapacear

Havia um homem que falava horrores de tudo e de todos.
Um dia o rei tomou ciência desse seu hábito
e o intimou a depor.
Diante do rei, o homem não só confirmou
todas as coisas que vivia a dizer
como também acrescentou mais um desaforo:
se o rei quisesse ver do que ele era capaz,
que mandasse plantar em duas covas sete inhames assados
e, dentro doze dias, os inhames brotariam e dariam folhas.
Todo isso deveria ser feito na presença de todos.
Todos estavam anciosos em presenciar o prodígio
e o rei marcou a data para o desafio.
O homem, então, para se safar daquela situação difícil,
procurou um adivinho, que o aconselhou a fazer um *ebó*.
Tudo pronto, veio Exu e ambos combinaram a estratégia para o caso.
Foram juntos para o local onde estavam plantados os inhames.
Quando estavam próximos de lá, Exu, que ia na frente,
chamou a atenção dos guardas para uma coisa jamais vista:
todos, de fato, viram bois trepados no telhado de um curral.
Enquanto isso, o homem pôde mudar os inhames assados,
trocando-os por inhames que brotavam,
sem que nenhum guarda visse o que ele fazia.
Assim, sua promessa pareceu estar cumprida diante do rei,
pois que os guardas atestaram que os inhames assados

haviam brotado sem a interferência de ninguém.

Por isso, o homem foi gratificado pelo rei e por todos,

tornando-se muito rico.

Exu vinga-se por causa de *ebó* feito com displicência

Alumã era um lavrador que precisava de chuvas,

pois seus campos estavam secos

e a plantação toda ia se perder.

Alumã ofereceu um *ebó* para Exu mandar chuva.

Ofereceu a Exu pedaços de carne de bode.

Como a comida estava muito apimentada,

Exu ficou com muita sede.

Exu procurava água para matar a sede implacável,

mas água não havia, estava tudo seco no lugar.

Exu então abriu a torneira da chuva,

ela jorrou como nunca,

fazendo com que o povo se regozijasse com Alumã.

As colheitas estavam salvas!

Mas a chuva não cessou.

Alumã percebeu dias depois que já bastava de chuva.

Já chovera em excesso e as colheitas corriam perigo,

agora era água em demasia; uma inundação.

Alumã tornou a oferecer a Exu carne de bode,

mas agora cuidou que a pimenta estivesse no ponto certo.

Exu aceitou o *ebó* e estancou a chuva.

Exu é justo, cantou Alumã.

Exu vinga-se e exige o privilégio das primeiras homenagens

Exu era o irmão mais novo de Ogum, Odé e outros orixás.
Era tão turbulento e criava tanta confusão
que um dia o rei, já não suportando sua malfazeja índole,
resolveu castigá-lo com severidade.
Para impedir que fosse aprisionado,
os irmãos o aconselharam a deixar o país.
Mas enquanto Exu estava no exílio,
seus irmãos continuavam a receber festas e louvações.
Exu não era mais lembrado,
ninguém tinha notícias de seu paradeiro.
Então, usando mil disfarces, Exu visitava seu país,
rondando, nos dias de festa, as portas dos velhos santuários.
Mas ninguém o reconhecia assim disfarçado
e nenhum alimento lhe era ofertado.
Vingou-se ele, semeando sobre o reino
toda sorte de dessossego, desgraça e confusão.
Assim o rei decidiu proibir todas as atividades religiosas,
até que se descobrissem as causas desses males.
Então os babalorixás reuniram-se em comitiva
e foram consultar um babalaô que residia nas portas da cidade.
O babalaô jogou os búzios e Exu foi quem falou no jogo.
Disse nos *odus* que tinha sido esquecido por todos.
Que exigia receber sacrifícios antes dos demais
e que fossem para ele os primeiros cânticos cerimoniais.

O babalaô jogou os búzios e disse

que oferecessem um bode e sete galos a Exu.

Os babalorixás caçoaram do babalaô,

não deram a menor importância às suas recomendações

e ficaram por ali sentados, cantando e rindo dele.

Quando quiseram levantar-se para ir embora,

estavam todos grudados nas cadeiras.

Sim, mais uma das ofensas de Exu!

O babalaô então pôs a mão no ombro de cada um

e todos puderam levantar-se livremente.

Disse a eles que fizessem como fazia ele próprio:

que o primeiro sacrifício fosse para acalmar Exu.

Assim convencidos, foi o que fizeram os pais e mães-de-santo,

naquele dia e sempre desde então.

Exu come tudo e ganha o privilégio de comer primeiro

Exu era o filho caçula de Iemanjá e Orunmilá,

irmão de Ogum, Xangó e Oxóssi.

Exu comia de tudo

e sua fome era incontrolável.

Comeu todos os animais da aldeia em que vivia.

Comeu os de quatro pés e comeu os de pena.

Comeu os cereais, as frutas, as inhames, as pimentas.

Bebeu toda a cerveja, toda a arguardente, todo o vinho.

Ingeriu todo o azeite-de-dendê e todos os *obis*.

Quanto mais comia, mais fome Exu sentia.

Primeiro comeu tudo de que mais gostava,

depois começou a devorar as árvores,

os pastos, e já ameaçava engolir o mar.

Furioso, Orunmilá compreendeu que Exu não pararia

e acabaria por comer até mesmo o Céu.

Orunmilá pediu a Ogum

que detivesse o irmão a todo custo.

Para preservar a terra e os seres humanos e os próprios orixás,

Ogum teve que matar o próprio irmão.

A morte, entretanto, não aplacou a fome de Exu.

Mesmo depois de morto,

podia-se sentir sua presença devoradora,

sua fome sem tamanho.

Os pastos, as mares, os poucos animais que restavam,

todas as colheitas, até os peixes iam sendo consumidos.

Os homens não tinham mais o que comer

e todos os habitantes da aldeia adoeceram

e de fome, um a um, foram morrendo.

Um sacerdote da aldeia consultou o oráculo de Ifá

e alertou Orunmilá quanto ao maior dos riscos:

Exu, mesmo em espírito, estava pedindo sua antenção.

Era preciso aplacar a fome de Exu.

Exu queria comer.

Orunmilá obedeceu ao oráculo e ordenou:

"Doravante, para que Exu não provoque mais catástrofes,

sempre que fizerem oferendas aos orixás

deverão em primeiro lugar servir comida a ele".

Para haver paz e tranqüilidade entre os homens,

é preciso dar de comer a Exu,

em primeiro lugar.

Exu leva aos homens o oráculo de Ifá

Em épocas remotas os deuses passaram fome.
Às vezes, por longos períodos,
eles não recebiam bastante comida
de seus filhos que viviam na Terra.
Os deuses cada vez mais se indispunham uns com os outros
e lutavam entre si guerras assombrosas.
Os descendentes dos deuses não pensavam mais neles
e os deuses se perguntavam o que poderiam fazer.
Como ser novamente alimentados pelos homens?
Os homens não faziam mais oferendas e os deuses tinham fome.
Sem a proteção dos deuses, a desgraça tinha se abatido sobre a Terra
e os homens viviam doentes, pobres, infelizes.

Um dia Exu pegou a estrada e foi em busca de solução.
Exu foi até Iemanjá em busca de algo
que pudesse recuperar a boa vontade dos homens.
Iemanjá lhe disse:
"Nada conseguirás.
Xapanã já tentou afligir os homens com doenças,
mas eles não vieram lhe oferecer sacrifícios".
Iemanjá disse:
"Exu matará todos os homens,
mas eles não lhe darão o que comer.
Xangô já lançou muitos raios e já matou muitos homens,

mas eles nem se preocupam com ele.

Então é melhor que procures solução noutra direção.

Os homens não têm medo de morrer.

Em vez de ameaçá-los com a morte,

mostra a eles alguma coisa que seja tão boa

que eles sintam vontade de tê-la.

E que, para tanto, desejem continuar vivos".

Exu retomou o seu caminho e foi procurar Orungã.

Orungã lhe disse:

"Eu sei por que vieste.

Os dezesseis deuses têm fome.

É preciso dar aos homens

alguma coisa de que eles gostem,

alguma coisa que os satisfaça.

Eu conheço algo que pode fazer isso.

É uma grande coisa que é feita com dezesseis caroços de dendê.

Arranja os cocos da palmeira e entenda seu significado.

Assim poderás reconquistar os homens".

Exu foi ao local onde havia palmeiras

e conseguiu ganhar dos macacos dezesseis cocos.

Exu pensou e pensou, mas não atinava

no que fazer com eles.

Os macacos então lhe disseram:

"Exu, não sabes o que fazer

com os dezesseis cocos de palmeira?

Vai andando pelo mundo

e em cada lugar pergunta

o que significas esses cocos de palmeira.

Deves ir dezesseis lugares para saber o que significam

esses cocos de palmeira.

Em cada um desses lugares recolherás dezesseis *odus*.

Recolherás dezesseis histórias, dezesseis oráculos.

Cada história tem a sua sabedoria,

conselhos que podem ajudar os homens.

Vai juntando os *odus*

e ao final de um ano terás aprendido o suficiente.

Aprenderás dezesseis vezes dezesseis *odus*.

Então volta para onde vivem os deuses.

Ensina aos homens o que terás aprendido

e os homens irão cuidar de Exu de novo".

Exu fez o que lhe foi dito retornou ao Orum, o Céu dos orixás.

Exu mostrou aos deuses os *odus* que havia aprendido

e os deuses disseram:

"Isso é muito bom".

Os deuses, então, ensinaram o novo saber

aos seus descendentes, os homens.

Os homens então puderam saber todos os dias

os desígnios dos deuses e os acontecimentos do porvir.

Quando jogavam os dezesseis cocos de dendê

e interpretavam o *odu* que eles indicavam,

sabiam da grande quantidade de mal

que havia no futuro.

Eles aprenderam a fazer sacrifícios aos orixás

para afastar os males que os ameaçavam.

Eles recomeçaram a sacrificar animais

e a cozinhar suas carnes para os deuses.

Os orixás estavam satisfeitos e felizes.

Foi assim que Exu trouxe aos homens o Ifá.

Exu torna-se o amigo predileto de Orunmilá

Como se explica a grande amizade entre Orunmilá e Exu,
visto que eles são opostos em muitos aspectos?
Orunmilá, filho mais velho de Olorum, foi quem trouxe aos humanos
o conhecimento do destino pelos búzios.
Exu, pelo contrário, sempre se esforçou
para criar mal-entendidos e rupturas,
tanto aos humanos como aos orixás.
Orunmilá era calmo e Exu, quente como o fogo.
Mediante de conchas adivinhas,
Orunmilá revelava aos homens as intenções do supremo deus Olorum
e os significados do destino.
Orunmilá aplainava os caminhos para os humanos,
enquanto Exu os emboscava na estrada
e fazia incertas todas as coisas.
O caráter de Orunmilá era o destino, o de Exu, o acidente.
Mesmo assim ficaram amigos íntimos.
Uma vez, Orunmilá viajou com alguns acompanhantes.
Os homens de seu séquito não levaram nada,
mas Orunmilá portava uma sacola na qual guardava
o tabuleiro e os obis que usava para ler o futuro.
Mas na comitiva de Orunmilá muitos tinham inveja dele
e desejavam apoderar-se de sua sacola de adivinhação.
Um deles, mostrando-se muito gentil,
ofereceu-se para carregar a sacola de Orunmilá.

Um outro também se dispôs à mesma tarefa

e eles discutiram sobre quem deveria carregar a tal sacola.

Até que Orunmilá encerrou o assunto, dizendo:

“Eu não estou cansado. Eu mesmo carrego a sacola”.

Quando Orunmilá chegou em casa, refletiu sobre o incidente

e quis saber quem realmente ariga como um amigo de fato.

Pensou então num plano para descobrir od falsos amigos.

Enviou mensageiros com a notícia de que havia morrido

e escondeu-se atrás da casa, onde não podia ser visto.

E lá Orunmilá esperou.

Depois de um tempo,

um de seus acompanhantes veio expressar seu pesar.

O homem lamentou o acontecido,

dizendo ter sido um grande amigo de Orunmilá

e que muitas vezes o ajudara com dinheiro.

Disse ainda que, por gratidão,

Orunmilá lhe teria deixado seus instrumentos de adivinhar.

A esposa de Orunmilá pareceu compreendê-lo,

mas disse que a sacola havia desaparecido.

E o homem foi embora frustrado.

Outro homem veio chorando, com artimanha pediu a mesma coisa

e também foi embora desapontado.

E assim, todos os que vieram fizeram o mesmo pedido.

Até que Exu chegou.

Exu também lamentou profundamente a morte do suposto amigo.

Mas disse que a trisreza maior seria da esposa,

que não teria mais para quem cozinhar.

Ele concordou e perguntou se Orunmilá não lhe devia nada.

Exu disse que não.

A esposa de Orunmilá persistiu,

perguntando se Exu não queria a parafernália de adivinhação,

Exu negou outra vez.

Aí Orunmilá entrou na sala, dizendo:

“Exu, tu és sim meu verdadeiro amigo!”.

Depois disso nunca houve amigos tão éntimos,

tão íntimos como Exu e Orunmilá.

Exu põe Orunmilá em perigo e depois o salva

Orunmilá decidiu fazer uma viagem a Ouô.
Consultou seus dezesseis coquinhos de adivinhação
para saber sobre a viagem.
Mas a verdade não se fez clara.
Como Orunmilá estava impaciente para ir a Ouô,
deixou os coquinhos divinatórios de lado e prosseguiu.
Era longa a distância para Ouô.
No primeiro dia da viagem Orunmilá encontrou seu amigo Exu,
que estava voltando de Ouô.
Eles se cumprimentaram e partiram.
No segundo dia Orunmilá encontrou de novo Exu,
vindo da direção oposta.
Exu afirmou estar voltando de Ouô e Orunmilá ficou intrigado.
"Como é possível que duas pessoas indo em direções opostas
se encontrem duas vezes na mesma estrada?"
No terceiro dia Orunmilá voltou a encontrar Exu.
Orunmilá estava confuso e ansioso para chegar a Ouô.
Por isso não parou para consultar seus coquinhos de adivinhar.
No quarto dia, quando Orunmilá estava próximo a Ouô,
Exu colocou *obis* frescos na beira da estrada e lá os deixou.
Exu foi e cumprimentou Orunmilá novamente.
Orunmilá disse:
"Exu, meu amigo, estás vindo de Ouô mais uma vez?".
Exu respondeu:

“Os amigos devem duvidar uns dos outros? O que é, é”.

Orunmilá desconfiou da situação.

Mas, como estava quase chegando a Ouô,

achou desnecessário consultar os coquinhos de adivinhar.

Seguiu diante e encontrou os *obis* deixados por Exu.

Cansado da longa viagem, pegou os *obis*

e começou a comer para refrescar-se.

Nesse momento, um fazendeiro de Ouô apareceu.

Trazia um facão na mão

e o acusou a estar comendo os *obis* de sua árvore.

Orunmilá argumentou que não tinha visto árvore alguma.

Mas o fazendeiro não aceitou a desculpa de Orunmilá.

E os dois lutaram.

Na briga, o facão do fazendeiro feriu a palma da mão de Orunmilá.

Orunmilá sentou-se na beira da estrada e refletiu:

ainda que fosse inocente,

os partidários de Ouô o acusariam de ser ladrão de *obi*.

A noite chegou. Orunmilá dormiu no chão.

Exu, que tinha visto tudo,

foi até a cidade enquanto todos dormiam

e, com uma faca, feriu a mão de todos os habitantes do lugar.

Até a do próprio rei e a do fazendeiro também.

No quinto dia Orunmilá acordou e começou seu caminho para Ouô.

Na entrada da cidade encontrou Exu.

Exu cumprimentou-o, mas Orunmilá estava envergonhado.

Orunmilá sabia que seus problemas tinham sido causados por Exu.

Mas Exu o encorajou.

"Orunmilá, não hesites. Entra na cidade.

Se houver problemas, eu falareipor ti.

Não receberás injúrias em Ouô".

Orunmilá e Exu entraram juntos em Ouô.

O fazendeiro foi até o rei acusar Orunmilá

e disse que o ladrão de seus *obis* estava chegando à cidade.

Então o rei mandou trazer Orunmilá diante dele.

O fazendeiro fez sua reclamação outra vez

e narrou a luta pelos *obis*.

Aí Exu falou por Orunmilá,

perguntando ao fazendeiro como identificar o ladrão.

O fazendeiro descereveu a luta e disse

que o ferimento na palma da mão de Orunmilá seria a prova.

Exu, defendendo Orunmilá, pediu então

que todos os cidadãos também abrissem a mão.

O rei concordou.

Orunmilá e todos os outros abriram a mão.

E constatou-se que todos igualmente tinham um ferimento,

inclusive o rei e o fazendeiro.

Exu disse:

"Se um mero corte é a marca da culpa,

então todos de Ouô são culpados".

O rei reconheceu a inocência de Orunmilá

e ordenou que ele fosse indenizado pela falsa acusação.

O povo de Ouô trouxe presentes de todo o tipo para Orunmilá.

São muitas as tramóias de Exu.

Exu pode fazer contra.

Exu pode fazer a favor.

Exu faz o que faz, é o que é.

Exu ganha poder sobre as encruzilhadas

Exu não tinha riqueza, não tinha fazenda, não tinha rio,
não tinha profissão, nem artes, nem missão.
Exu vagabundeava pelo mundo sem paradeiro.
Então um dia, Exu passou a ir à casa de Oxalá.
Ia à casa de Oxalá todos os dias.
Na casa de Oxalá, Exu se distraía,
vendo o velho fabricando os seres humanos.
Muito e muitos também vinham visitar Oxalá,
mas ali ficavam pouco,
quatro dias, oito dias, e nada aprendiam.
Traziam oferendas, viam o velho orixá,
apreciavam sua obra e partiam.
Exu ficou na casa de Oxalá dezesseis anos.
Exu prestava muita atenção na modelagem
e aprendeu como Oxalá fabricava
as mãos, os pés, a boca, os olhos, o pênis dos homens,
as mãos, os pés, a boca, os olhos, a vagina das mulheres.
Durante dezesseis anos ali ficou ajudando o velho orixá.
Exu não perguntava.
Exu observava.
Exu prestava atenção.
Exu aprendeu tudo.

Um dia Oxalá disse a Exu para ir postar-se na encruzilhada

por onde passavam os que vinham à sua casa.

Para ficar ali e não deixar passar quem não trouxesse

uma oferenda a Oxalá.

Cada vez mais havia mais humanos para Oxalá fazer.

Oxalá não queria perder tempo

recolhendo os presentes que todos lhe ofereciam.

Oxalá nem tinha tempo para as visitas.

Exu tinha aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalá.

Exu coletava os *ebós* para Oxalá.

Exu recebia as oferendas e as entregava a Oxalá.

Exu fazia bem o seu trabalho

e Oxalá decidiu recompensá-lo.

Assim, quem viesse à casa de Oxalá

teria que pagar também alguma coisa a Exu.

Quem estivesse voltando da casa de Oxalá

também pagaria alguma coisa a Exu.

Exu mantinha-se sempre a postos

guardando a casa de Oxalá.

Armando de um *ogó*, poderoso porrete,

afastava os indesejáveis

e punia quem tentasse burlar sua vigilância.

Exu trabalhava demais e fez ali a sua casa,

ali na encruzilhada.

Ganhou uma rendosa profissão, ganhou seu lugar, sua casa.

Exu ficou rico e poderoso.

Ninguém pode mais passar pela encruzilhada

sem pagar alguma coisa a Exu.

Exu atrapalha-se com as palavras

No começo dos tempos estava tudo em formação.
Lentamente os modos de vida na Terra foram sendo organizados,
mas havia muito a ser feito.
Toda vez que Orunmilá vinha do Orum para ver as coisas do Aiê,
era interrogados pelo orixás, humanos e animais.
Ainda não fora determinado qual o lugar para cada criatura
e Orunmilá ocupou-se dessa tarefa.
Exu propôs que todos os problemas fossem resolvidos ordenadamente.
Ele sugeriu a Orunmilá que a todo orixá,
humano e criatura da floresta fosse apresentada uma questão simples,
para a qual eles deveriam dar resposta direta.
A natureza da resposta individual de cada um determinaria
seu destino e seu modo de viver.
Orunmilá aceitou a sugestão de Exu.
E assim, de acordo com as respostas que as criaturas davam,
eles recebiam um modo de vida de Orunmilá, uma missão.
Enquanto isso acontecia, Exu travesso que era,
pensava em como poderia confundir Orunmilá.
Orunmilá perguntou a um homem:
”Escolhes viver dentro ou fora?“.
”Dentro“, o homem respondeu.
E Orunmilá decretou que doravante
todos os humanos viveriam em casas.
De repente, Orunmilá se dirigiu a Exu:

”E tu, Exu? Dentro ou fora?“.

Exu levou um susto ao ser chamado repetinamente,

ocupado que estava empensar

sobre como passar a perna em Orunmilá.

E rápido respondeu: ”Ora! Fora, é claro“.

Mas logo se corrigiu: “Não, pelo contrário, dentro”.

Orunmilá entendeu que Exu estava querendo criar confusão.

Falou pois que agiria conforme a primeira resposta de Exu.

Disse:

“Doravante vais viver fora e não dentro de casa”.

E assim tem sido desde então.

Exu vive a céu aberto, na passagem,

ou na trilha, ou nos campos.

Diferentemente das imagens dos outros orixás,

que são mantidas dentro das casas e dos templos,

toda vez que os humanos fazem uma imagem de Exu

ela é mantida fora.

Exu não consegue vencer a Morte

Havia um ser que não temia Exu e este era Icu, a Morte.

Icu ouvita falar de coisas terríveis que Exu tinha feito ao povo

e perguntou por que Exu fazia isso sem ser reprimido.

Todos diziam que ninguém era suficientemente corajoso

para enfrentar Icu face a face.

Icu disse que era ela quem devia lidar com Exu

e enviou uma mensagem desafiando Exu para uma batalha.

E Exu então respondeu:

"Eu não tenho medo de Icu. Vamos lutar".

Exu foi até seu amigo Orunmilá e contou-lhe sobre o desafio.

Orunmilá perguntou:

"Quem pode lutar com a Morte?".

Exu respondeu bravo:

"Quem pode lutar com Exu?".

Exu pediu a Orunmilá que arranjasse o combate.

E o dia do duelo chegou.

Veio gente de toda parte para assistir ao duelo

e a cidade ficou tomada de espectadores.

Exu bradou seu grito de guerra provocando Icu.

Então Icu avançou, segurando a espada e o escudo,

e cantou provocando Exu.

E a batalha começou.

Exu golpeava forte com o porrete, várias vezes.

Mas Icu era rápida e ágil.

Tanto que Icu prendeu Exu.

Icu jogou-o no chão e arrancou o porrete de sua mão.

Icu ergeu o porrete sobre Exu para matá-lo.

Então houve gritos de alarme na multidão.

Orunmilá correu até o lugar da escaramuça

e tomou o porrete de Icu, salvando o amigo da destruição.

E foi porque Exu foi defendido por Orunmilá que ele não morreu.

É por causa disso que os homens dizem:

"Ninguém pode matar a Morte.

Ninguém pode derrotar Icu".

E foi inventado o candomblé...

No começo não havia separação entre
o Orum, o Céu dos orixás,
e o Aiê, a Terra dos humanos.
Homens e divindades iam e vinham,
coabitando e dividindo vidas e aventuras.
Conta-se que, quando o Orum fazia limite com o Aiê,
um ser humano tocou o Orum com as maõs sujas.
O céu imaculado do Orixá fora conspurcado.
O branco imaculado de Obatalá se perdera.
Oxalá foi reclamar a Olorum.
Olorum, Senhor do Céu, Deus Supremo,
irado com a sujeira, o desperdício e a dislicência dos mortais,
soprou enfurecido seu sopro divino
e separou para sempre o Céu da Terra.
Assim, o Orum separou-se do mundo dos homens
e nenhum homem poderia ir ao Orum e retornar de lá com vida.
E os orixás também não poderiam vir à Terra com seus corpos.
Agora havia o mundo dos homens e o dos orixás, separados.
Isoladas dos humanos habitantes de Aiê,
as divindades entristeceram.
Os orixás tinham saudade de suas peripécias entre os humanos
e andavam tristes e amuados.
Foram queixar-se com Olodumare, que acabou consentindo
que os orixás pudessem vez por outra retornar à Terra.

Para isso, entretanto,

teriam que tomar o corpo material de seus devotos.

Foi a condição imposta por Olodumare.

Oxum, que antes gostava de vir à Terra brincar com as mulheres,

dividindo com elas sua formosura e vaidade,

ensinando-lhes feitiços de adorável sedução e irresistível encanto,

recebeu de Olorum um novo encargo:

preparar os mortais para receberem em seus corpos os orixás.

Oxum fez oferendas a Exu para propiciar sua delicada missão.

De seu sucesso dependia a alegria dos seus irmãos e amigos orixás.

Veio ao Aiê e juntou as mulheres à sua volta,

banhou seus corpos com ervas preciosas,

cortou seus cabelos, raspou suas cabeças,

pintou seus corpos.

Pintou suas cabeças com pintinhas brancas,

como as penas da galinha-d´angola.

Vestiu as com belíssimos panos e fartos laços,

enfeitou-as com jóias e coroas.

O *ori*, a cabeça, ela adornou ainda com a pena *ecodidé*,

pluma vermelha, rara e misteriosa do papagaio-da-costa.

Nas mãos as fez levar *abebés*, espadas, cetros,

e nos pulsos, dúzias de dourados *indés*.

O colo cobriu com voltas e voltas de coloridas contas

e múltiplas fieiras de búzios, cerâmicas e corais.

Na cabeça pôs um cone feito de manteiga de *ori*,

finas ervas e *obi* mascado,

com todo condimento de que gostam os orixás.

Esse *oxo* atrairia o orixá ao *ori* da iniciada e

o orixá não tinha como se enganar em seu retorno ao Aiê.

Finalmente as pequenas esposas estavam feitas,

estavam prontas, e estavam *odara*.

As *iaôs* eram as noivas mais bonitas

que a vaidade de Oxum conseguia imaginar.

Estavam prontas para os deuses.

Os orixás agora tinham seus cavalos,

podiam retornar com segurança ao Aiê,

podiam cavalgar o corpo das devotas.

Os humanos faziam oferendas aos orixás,

convidando-os à Terra, aos corpos das *iaôs*.

Então os orixás vinham e tomavam seus cavalos.

E, enquanto os homens tocavam seus tambores,

vibrando os batás e agogôs, soando os xequerês e adjás,

enquanto os homens cantavam e davam vivas e aplaudiam,

convidando todos os humanos iniciados para a roda do *xirê*,

os orixás dançavam e dançavam e dançavam.

Os orixás podia de novo conviver com os mortais.

Os orixás estavam felizes.

Na roda das feitas, no corpo das *iaôs*,

eles dançavam e dançavam e dançavam.

Estava inventado o candomblé.

Apêndice II:

Exu em fotografias e desenhos